

Ano XI

Nº 68

SOMNIUM

Publicação Oficial do
Clube de Leitores
de Ficção Científica



C.L.F.C.



Notícias
Internet
Quadrinhos

Contos de Simone Saueressig e Gerson Lodi-Ribeiro

Índice

Editorial

Reformando a casa 03

O que rola pelo Fandom

FC em Notícias 05
por Adriana Simon

Listserver:

Lenha na fogueira da Internet: Nova lista do CLFC 20
compilado por Dario Alberto de Andrade Filho

Ficção

Sob Responsabilidade Humana 10
por Gerson Lodi-Ribeiro

Os Brinquedos 18
por Simone Sauressig

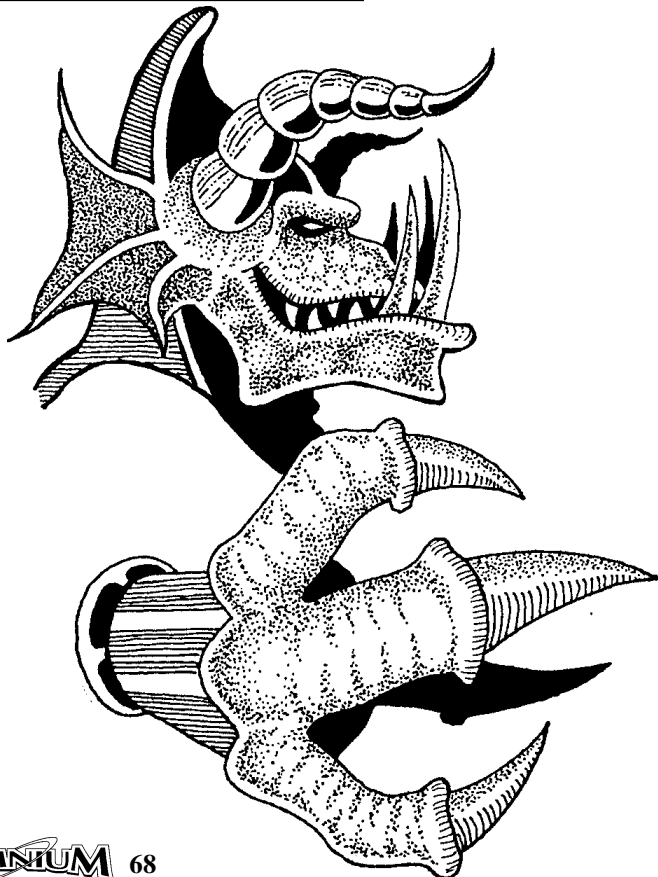
Quadrinhos

Início 22
por Alexandre Grecco

Ilustrações

Mauricio Tavares
Henry Jaepelt
Robert o Schima
anônimo
Aderson Roberto
Tereza Ariel
Serjo Robert

capa
contra-capa
02
03
09
19
21



SOMNIUM

número 68
junho de 1998

Editorias:

Social e Notícias

Adriana Simon

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro;

Artigos e Contos

Marcello Simão Branco;

Listserver

Dario Alberto de Andrade Filho;

Geral

Cesar R. T. Silva.

Produção Gráfica e

Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Cesar R.T. Silva

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Toda colaboração relativa ao *Somnium* deve ser enviada em disquete IBM PC no programa Word 6.0 ou menor. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1998/99 está composta pelos sócios Humberto Fimiani (Presidente), Marcello Simão Branco (Secretário Executivo) e Cesar R. T. Silva (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção

Científica: Caixa Postal 2105

São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

O *Somnium* esforçou-se, mas desta vez não deu para cumprir o prazo na mosca. Mas também não erramos por muito. Esta edição foi fechada com alguns dias de atraso por conta das atividades paralelas dos nossos editores, que não deixam de ser louváveis, pois resultaram na publicação da antologia de contos de ficção futebolística *Outras Copas, Outros Mundos*, pela editora Ano-Luz-PECAS.

O CLFC está negociando com a Ano-Luz a possibilidade de vender esse livro por um preço vantajoso para os sócios do Clube. Fique de olho em nosso *Boletim Mensal* para ter maiores informações.

Estamos iniciando os preparativos para, no segundo semestre, realizar a VI Mostra de Ficção Científica e o III Encontro Ficção Científica/Universidade. Escreva para o Clube indicando o que você espera

ter nesses eventos para que possamos realizar atividades de interesse para os fãs e sócios.

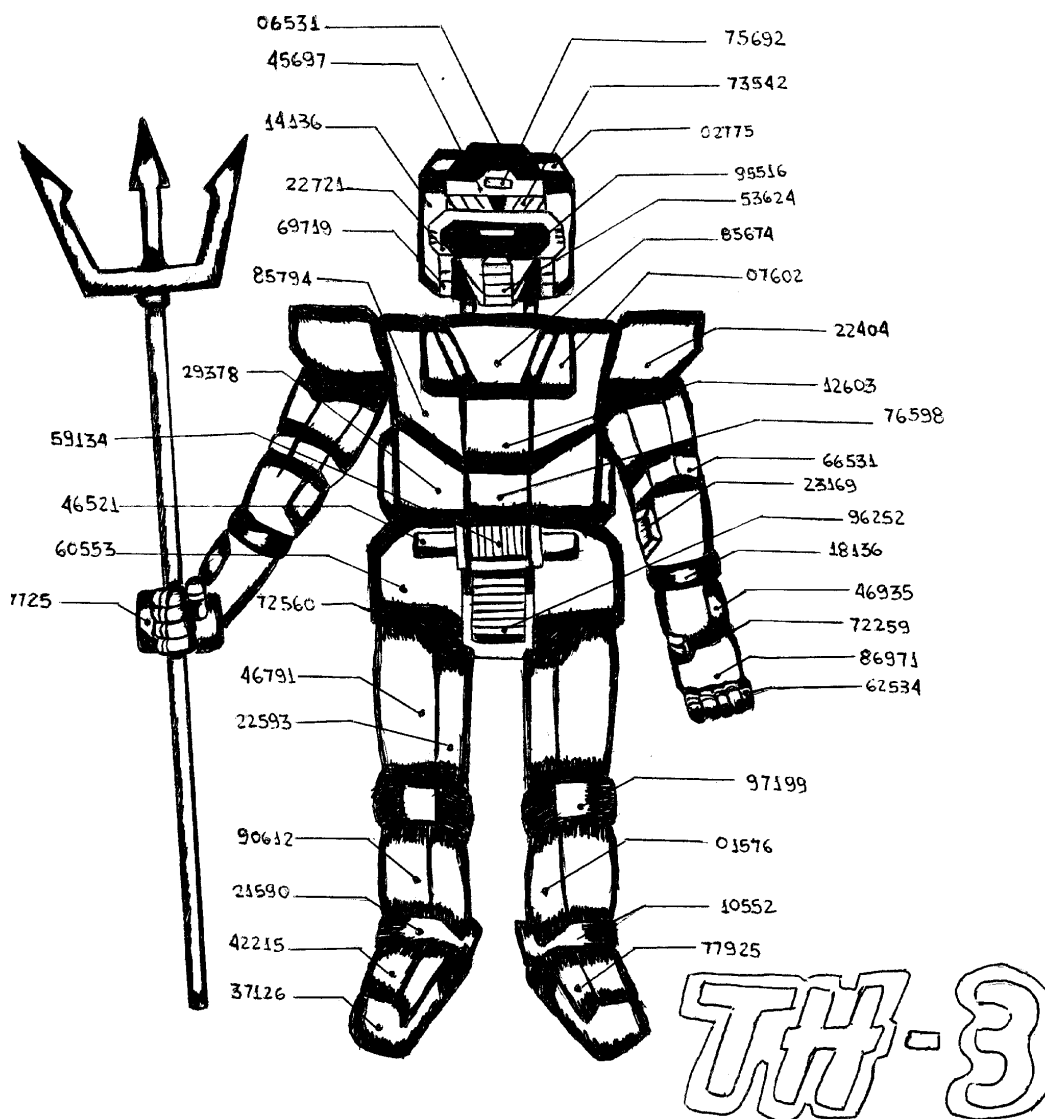
Escreva também para o *Somnium*, enviando seu conto, HQ, ilustração ou artigo. Temos pouquíssimo material para os próximos números e muito do que você tem visto nestas páginas chegou-nos através de outras publicações.

Não deixe a peteca cair, pois está dando um trabalho danado mantê-la no ar.

Finalmente, pedimos desculpas pelo lapso dos nossos e-mail e home-page. Estamos mudando todo o esquema da Internet e, em breve, teremos novo endereço e um site atualizado.

Por enquanto, aproveite nosso novo listserver: <lista-do-clfc@makelist.com>.

Boa leitura!



EVENTOS

Oficina Literária

O novo diretor da Casa Mário de Andrade (Oficina da Palavra) é o escritor Paulo Condine, cuja carreira como editor é bem conhecida. Talvez só agora o CLFC saiba que ele escreveu um bom romance de ficção científica, *Os Filhos do Rio*. André Carneiro foi por ele convidado a dirigir uma oficina de FC que se chamará “A Palavra e o Futuro”. Vai ser iniciada em 8 de julho, nas quartas e sextas-feiras, das 19 às 22:00, devendo terminar em 29 de agosto, sem ônus para os interessados, apenas juntando carta de interesse e breve curriculum. Maiores informações pelo telefone (011) 826-4085, ou na Casa de Mário de Andrade na Rua Lopes Chaves, 546, Metrô Marechal Deodoro, Barra Funda, São Paulo.

3^{os} Encontros de FC e Fantástico

No período de 19 a 27 de setembro serão realizados os 3^{os} Encontros de FC e Fantástico, em Cascais, Portugal. Nos encontros anteriores houve representantes do fandom brasileiro, mais especificamente sócios do CLFC, como Gerson Lodi-Ribeiro (CLFC 090) e Luiz Marcos da Fonseca (CLFC 004). É nossa intenção este ano, levar uma delegação mais numerosa. As pessoas interessadas devem entrar em contato pelo e-mail do CLFC [clfc@clfc.com.br] ou por telefone com Gerson (021) 512-5715, Humberto (011) 3862-3266 ou com Roberto Causo (011) 3871-3646. Quem desejar obter maiores informações pode consultar a home-page que, embora ainda em construção já promete ser realmente profissional [http://simetria.esoterica.pt].

Alien Megacon

O ator inglês DAVE PROWSE, que estrelou a saga de *Guerra nas Estrelas* como o arquivilão das forças do mal, Darth Vader, esteve no Brasil dia 28 de junho no Auditório do Palácio

das Convenções do Anhembi, em São Paulo, exclusivamente para a ALIEN MEGACON. Entre os convidados especiais de outras séries esperou-se inutilmente pelo ator Nicholas Lea, que interpreta um dos vilões de *Arquivo-X*, o agente Alex Krycek, que não compareceu. Além da Convenção, houve uma feira de produtos de ficção científica coordenada pela Editora MeiaSete, e alguns dos convidados deram autógrafos para os fãs.

ZINEMUTANTE 2

ENCONTRO DAS CULTURAS INDEPENDENTES

Segue abaixo a programação do evento que deve acontecer em setembro.

Ainda há grandes possibilidades de mudanças.

Atividades no foyer:

EXPOSIÇÃO

- Dizer de zines

Curadoria: Maurício Peltier

Os painéis irão expor material representativo, nacional e internacional, de alguns dos temas recorrentes nos fanzines: nonsense, sexo, esteticismo, crime, revolta, barulho, ritos e cultos urbanos, utopias e humor.

MOSTRAS INTERATIVAS

- Altar-ego

Direção: Marcelo Elo

Uma câmera de vídeo high-8, iluminação e som especiais estarão à disposição de todos os visitantes, durante o evento. Esta instalação será um convite à participação em um debate ininterrupto, onde os visitantes poderão dar sua opinião sobre temas correlatos ao evento. A gravação, em si, terá a duração de um minuto, ocorrendo em uma cabine isolada acústica e visualmente. Um aparelho de vídeo estará transmitindo as gravações, do lado de fora da instalação.

- Tudo impressão

Coordenação: Thaís Linhares

Trata-se de uma mostra interativa de meio gráficos (linotipo, mimeógrafos, máquinas de escrever, computador/impressora/scanner, fotocopiadora, e

máquina tipo “polaroid”), com monitores que auxiliarão na criação de uma página pelos visitantes.

MOSTRA DE VÍDEOS

- Olho mutante

Direção: Marcelo Elo

Serão seis vinhetas, com duração de um minuto cada, que servirão como assinaturas da mostra de vídeos, devendo abri-las e encerrá-las, a cada dia.. A partir de publicações, vídeos e documentários, a “colagem” será feita relacionando as imagens e os sons de cada vinheta a um tema específico: música, zines, tribos, Hqs, trash e cia, virtuais.

- Lado Z

Curadoria: Leonardo Panço

mostra de cliques independentes de bandas nacionais

- Videozines

Curadoria: Adilson Pereira

Para serem selecionados, os vídeos deverão obedecer pelo menos um dos seguintes critérios: 1) serem sobre um dos temas relacionados (música, zines, tribos, Hqs, trash & cia e virtuais), em sua vertente cultural alternativa; ou 2) possuírem uma linguagem estética identificada com a dos zines.

Atividades no 4º andar

- Eletroniczinetour

Coordenação: Bruno Privatti

Visitas guiadas, em horários marcados, a “páginas” e “discussões” projetadas em telão. Os roteiros pré-determinados serão de aproximadamente trinta minutos, privilegiando, a cada dia, um determinado tema: música, Hqs, tribos e comportamento, “trash” e cia., panorama geral e erotismo. O monitor permanecerá no local por todo o período da tarde, com um computador ligado a um provedor para a Internet. Com exceção do horário previstos para os tours, os interessados poderão tirar dúvidas e acessar outras “páginas”, sob orientação deste monitor.

WORKSHOP

Coordenação: Márcia Gonçalves e Gustavo Carneiro

Número máximo de inscrições: 30
Os participantes irão “cobrir” o evento e no último dia lançarão um zine com o material que produziram. Eles poderão contar, para uso exclusivo, com um computador e uma máquina tipo “Polaroid”. Uma fotocopiadora, instalada em sala próxima, onde funcionará a “Zineteca”, estará facilmente à disposição. Caso necessário, os participantes do workshop poderão lançar mão do espaço da mostra “Tudo impressão”.

- Zineteca

DEBATES

Fala mutante*

1- A mídia assusta?

Bráulio Tavares (coord.) (RJ), Fábio Massari (SP) e Hubert (RJ)

2- Popular, independente, anarquista e punk

Weaver (coord.) (CE), Antonio Carlos (“Carlão”) (SP), MZK (SP) e Glauco Matoso (SP)

3- América do Sul, a porta

Maurício Peltier (coord.) (artista plástico e gráfico), Diego Bianchi (desenhista e organizador do movimento cultural do cone sul “Comuna del Lápiz Japonés”), Oscar Malca (escritor peruano e conhecedor do underground latinoamericano)

HAPPENING DE INAUGURAÇÃO

Artistas gráficos, pintores, desenhistas, ilustradores, cartunistas serão convidados a “interferirem” graficamente no quadro acadêmico de Pedro Américo onde D. Pedro I grita pela independência. O quadro estará reproduzido de modo a compor o estandarte que irá anunciar o evento e será “hasteado” na rotunda, ao final do “happening”.

SHOWS

Local: Espaço Cultural dos Correios
Serão dois shows, com três bandas por dia.

GAMES

Lançamentos baseados em filmes
Star Trek Pinball é o mais novo lançamento da Interplay, distribuidora oficial de jogos com a marca desta série. Apesar de não contar com a sofisticação de animações tridimensionais da série 3-D Ultra Pinball, o

produto agrada tanto pelo tema como por algumas novidades que apresenta. São 3 mesas cada qual com diferentes protagonistas. Na primeira, o jogador como um agente da Federação dos Planetas, devendo somar pontos cumprindo missões como explorar o espaço e enfrentar inimigos. Na segunda, o jogador faz o papel de um guerreiro Klingon, atuando ao lado dos grandes rivais da Federação. A grande surpresa está na terceira mesa, “Nemesis”. Nesta, os Klingons e os tripulantes da Enterprise se enfrentam diretamente. A mesa é dividida em duas, podendo 2 participantes jogarem ao mesmo tempo para ver quem soma mais pontos. A disputa é emocionante e garante muita diversão, mesmo com o computador como adversário. O game também pode ser jogado em rede IPX. Maiores informações: <www.interplay.com>. A empresa anuncia também que deve lançar o aguardado *adventure Star Trek: Secret of the Vulcan Fury* nos próximos meses.

MISTÉRIOS...

Rosto em Marte destruído por ataque nuclear?

A sonda Suveyor fotografou o “Rosto de Marte”, um evento há muito tempo aguardado pelos ufólogos. Entretanto... algo está errado. As novas fotos nem de longe parecem ser do mesmo ‘rosto’. Ainda é cedo para fazer afirmações, mas algo, definitivamente, está errado. Vamos aguardar o especialista Mark Carlotto (que esteve no Fórum Mundial de Ufologia, em Brasília) pronunciar-se a respeito, mas algumas pessoas já estão afirmando que um ‘consorcio’ internacional ligado ao Majestic 12 enviou um ataque - provavelmente nuclear - ao local de Marte em que se encontra o rosto, para destruí-lo. O texto abaixo é do Nearsight Institute:

Relatório Oficial do Nearsight Institute sobre as fotos da face de Marte da NASA/JPL de 7 de abril de 1998: As análises detalhadas na nova foto da região de Cidonia em Marte, pela equipe de técnicos do Instituto Nearsight revelaram que: "Existe nítida evidência de que a Anomalia da Face de Marte tenha sido destruída, mais pro-

vavelmente por explosões nucleares. As análises dos padrões de areia e ventos, erosão, em especial, Visão Não-remota nos leva a afirmar categoricamente que isto ocorreu em 14 de agosto de 1997.” <http://barsoom.msss.com/mars/global_surveyor/camera/images/4_6_face_release/compare.gif>.

Obs.: A equipe da série de TV *Arquivo-X* foi incumbida, em Vancouver, de criar um roteiro para explicar “as diferenças” entre as duas fotos. É a ficção seguindo a realidade...

E fica a controvérsia... Foi publicada um artigo na *Veja* sobre o rosto humano em Marte... parece que tudo não passava de uma “Miragem Cósmica”. Uma foto mais recente, tirada pela sonda Observer de um outro ângulo, revelou que tudo não passava de um monte de areia e sombras. Vamos aguardar... (fonte: *A-X Report* <<http://www.ar-quivo-x.com>>).

Múmias Vampiras

O *newsletter* eletrônico *Maravilhas e Mistérios*, publicado pela Academia Brasileira de Paraciências, citou em seu item 5 da edição número 09 um estranho caso, conhecido como o caso das Múmias Vampiras. Você pode recebê-lo integralmente entrando em contato direto com a Academia Brasileira de Paraciências, pelo e-mail: <abpl@uol.com.br>.

Arquivo X

A Twentieth Century Fox e a Creation Entertainment decidiram oficialmente encerrar o Clube Oficial de *Arquivo-X* nos Estados Unidos. Em comunicado oficial colocado no site do clube <<http://www.creationent.com/xffcform.html>> a empresa Creation informa que, junto com a FOX, decidiu encerrar o clube, que passará a ser controlado diretamente pelo departamento de merchandising da Fox.

Embora o comunicado oficial date do dia 22 de dezembro, somente ontem ficou claro que não há meios de manter o acordo com a FOX dos Estados Unidos, que está sendo criticada em todo o mundo devido a falta de apoio para com os clubes do seriado. É de notar, também, o fato de que o clube brasileiro não recebe absolutamente nenhum apoio logístico, técnico ou fi-

nanceiro da Fox ou seus representantes.

CINEMA

Depois de muitos rumores, parece que fontes da Paramount Pictures concordaram em dar o título ao próximo longa metragem de *Star Trek: Prime Directive*, que se a UIP conseguir encontrar um tradutor que saiba o que faz, deverá ser traduzido como: JORNADA NAS ESTRELAS: PRIMEIRA DIRETRIZ, que é a terminologia da série. A Paramount Pictures negou se pronunciar sobre o vazamento desta informação, mas como há um memorando interno exigindo que todos envolvidos com a produção neguem tudo a negativa não significa muito. Por outro lado a informação parece bem forte, especialmente com base no roteiro que está divulgado em toda a internet. O ator, diretor e produtor Jonathan Frakes, mais conhecido como Comandante Riker em *Star Trek*, parece ter convencido a Paramount Pictures a lançar o trailer do nono filme de *Star Trek* agora em maio.

TELEVISÃO

O produtor e criador da série *Babylon 5*, J. Michael Straczynski, deu o sinal verde para a série *Crusade*, que vai ser uma seqüência de *B5*. A série começa no ano de 2263, um ano depois do final de *B5*. Michael quer que *Crusade* tenha efeitos especiais de última geração. Uma raça chamada Drakh, que ajudou as Sombras, acaba infectando os humanos que vivem na Terra com um vírus biogenético que, durante 5 anos, vai ficar se desenvolvendo no corpo para depois matar o infectado. O vírus é baseado na tecnologia das Sombras, que é altamente avançada, e em apenas 5 anos não será possível conseguir a cura. Então, uma frota de naves liderada pela nova nave Minbari/Terra chamada Excalibur, tentará sair pelo espaço e encontrar algo que ajude na cura. Enquanto isso, a Terra fica de quarentena e, se em 5 anos eles não voltarem com a cura, todo planeta vai morrer. Michael quer que a série dure 5 anos como *B5* e diz que vai mostrar luga-

res conhecidos como Minbar, Ceutauri e até mesmo *Babylon 5*. Ele quer que o elenco de *B5* continue com a série em filmes próprios e participações em *Crusade*. Mas, com esta nova série o que Michael quer mesmo é mostrar a nave Excalibur, em sua missão de 5 anos explorando novos mundos, pesquisando novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo onde ninguém jamais esteve.

Exobiologia no Globo Ciência

Graças aos bons préstimos de Bráulio Tavares (que sugeriu o assunto e escreveu a pauta), Gerson Lodi-Ribeiro concedeu dia 25 de maio, uma entrevista sobre “Exobiologia” que apareceu na edição de 13 de junho do programa *Globo Ciência*, às 7h30min. da manhã na TV Globo. Quem tem NET, pode ver o programa em várias oportunidades nos canais GloboNews e Futura. Foram 20 perguntas sobre vida extraterrestre em geral e SETI em particular. Como foi o Bráulio que escreveu a pauta, as perguntas permitiram um espaço enorme para falar de FC... E o Gerson aproveitou as deixas... No final, falou um pouco de FC *in natura*.

LIVROS

Lançamentos

- *TRIÂNGULO ESPACIAL*
(Graphia; 313 págs.)

Quando a nave pousou suavemente na superfície de Marte, junto à base de uma alta montanha, ninguém, nem mesmo a NASA ou os astronautas, dentre os quais se destacava Marcelo, personagem constante de “Triângulo Espacial”, tinha notícias sobre a existência daquela caverna. Muito menos poderia adivinhar os tesouros que se escondiam no seu interior nem os males que adviriam. A caverna guardava um verdadeiro museu da história do planeta vermelho, com todas as suas peças tão bem conservadas que davam a impressão de terem sido postas ali recentemente. Neste esplêndido acervo foi encontrado um livro escrito por Tabor, o chefe máximo dos alimartinos, uma das espécies inteligentes que habitava em Marte. Repleto de peripécias que os astronautas iam lendo emocionados, o livro detinha-se sobretudo na guerra feroz que eli-

minara a espécie rival (os cribonguianos) e desencadeara a derrocada do planeta: o meio ambiente ficou completamente deteriorado, obrigando os sobreviventes à busca de outros mundos. Primeiro foi a Terra a procurada, depois Aurora, um planeta de outro sistema solar.

Este é apenas o ponto de partida de *Triângulo Espacial*: um livro dentro de outro ou uma história dentro de outra história, que acabam se fundindo e desencadeando desdobramentos surpreendentes. Romance com forte preocupação ecológica, *Triângulo Espacial* é a segunda obra de Guy Pinheiro de Vasconcellos. Carioca de 1933, filho de pai e mãe diplomatas, morou em Londres durante a Segunda Guerra Mundial, sendo marcante em sua memória o testemunho de inúmeros bombardeios efetuados pelos aviões da Alemanha nazista. Advogado, ingressou na carreira diplomática em 1959, alcançando o posto de Embaixador. No exterior serviu sobretudo na América Latina, Europa, África e Oriente Próximo. “*Ele é apenas um homem da terra ligado às coisas da terra, aos problemas estritamente humanos do amor, da ambição e do medo*” - escreveu Rubem Braga, a propósito de *Passagens pelo Absurdo*, coletânea de contos publicada em 1989, que marcou a estréia do autor. “*Isto define de certo modo o espírito deste interessantíssimo livro*”.

- *O ENIGMA DE ANDRÔMEDA*

(Editora Rocco; 308 págs; R\$ 28,00)
Este clássico de FC hard escrito por Michael Crichton, está sendo relançado com nova tradução de Fábio Fernandes, escritor brasileiro de FC. A última edição desse romance foi publicada pela Edibolso em 1978.

- *O CEMITÉRIO/ CHRISTINE/ A MALDIÇÃO DO CIGANO*

(Editora Objetiva; R\$ 16,80/ R\$ 21,80/ R\$ 13,80)

A Editora Objetiva <<http://www.objetiva.com>> está relançando estes títulos antigos de Stephen King, em volumes a preços mais “populares” (segundo a mesma).

- *MILLENNIUM - GEHENNA*.

Este livro é uma novelização de Lewis Gannett de um dos episódios da série,

no qual o agente Frank Black e o misterioso grupo Millennium <<http://www.geocities.com/Hollywood/8114/>> continuam combatendo a loucura do eminente apocalipse. Neste episódio, eles perseguem a horrenda trilha dos corpos carbonizados que os conduz a uma fábrica de produtos químicos, que esta prestes a desencadear um Armagedon urbano.

- *ARQUIVO X - PROJETO LITCH-FIELD*

Trata-se de um episódio novelizado para a série Vermelha (uma nova coleção de novelizações) escrita por Ellen Steiber. O roteiro conta a história de dois estranhos e idênticos assassinos que ocorrem ao mesmo tempo em diferentes extremos do país, cada um envolvendo uma estranha garotinha. Este episódio (e o livro) levam os agentes Mulder e Scully a pensar que se trata de mais um “evento” da mitologia da série *Arquivo X* <<http://www.thex-files.com>>, quando na verdade é outra coisa...

- *PERDIDOS NO ESPACO - O FILME*

Desnecessário dizer que, depois de um lançamento de sucesso gigantesco nos Estados Unidos, *Perdidos no Espaço* tem tudo para ser bem sucedido no Brasil também. Este livro é a novelização do longa metragem e foi escrito por Joan D. Vinge, baseado no roteiro de Akiva Goldsman. <<http://www.dangerwillrobinson.com>>

- *FRANKENSTEIN*

(Folha de S. Paulo; R\$ 3,50)

A *Folha* publicou na sua coleção “Clássicos da Literatura Universal” de livros populares o livro de Mary Shelley.

- *ARQUIVO ANDERSON*

(Editora Mercuryo; 304 págs.; R\$ 36,00)

Na mesma linha de *Arquivo Duchovny*, *Arquivo Anderson* é uma biografia não-autorizada de Gillian Anderson, mas que especula em cima das entrevistas e reportagens feitas sobre a atriz. O livro traz a reprodução de sua participação numa das convenções anuais de *Arquivo X* e 20 fotos coloridas e preto-e-branco. Escrito por Gil Adamson e Dawn Connolly. Tradução de José A. Ceschin

- *INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA “SCIENCE FICTION”*

(Biblioteca Essencial da Ficção Científica Volume II; 64 págs; R\$22,00)

Escrito por André Carneiro, até onde se sabe, trata-se do primeiro ensaio em formato de livro, sobre ficção científica, escrito por um autor latino-americano. Publicado em 1967 pelo Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, este trabalho elogiado internacionalmente há anos vem sendo considerado um livro dos mais raros, pelos colecionadores nacionais. Mas agora a Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira traz uma nova edição comemorativa dos trinta anos de seu lançamento, tornando-o novamente acessível à comunidade brasileira de ficção científica, em versão revisada e contendo novos comentários por André Carneiro, somados ao texto original sob a forma de notas-de-rodapé. “Embora mais conhecido como poeta, Carneiro escreve a melhor e a mais original ficção científica do Brasil.” - *A Dictionary of Contemporary Brazilian Authors*, Arizona State University.

Capa dura. Para o exterior: US\$ 35,00, incluindo postagem. Pedidos com Edgard Guimarães: Praça Monsenhor Noronha, 21, Brasópolis, MG, CEP: 3730-000

- *LIVRO SOUVENIR DA V INTERCON*

(Roberto de Sousa Causo, ed. Edgard Guimarães Editor; 1997; R\$ 25,00)

O primeiro livro souvenir de uma convenção brasileira de ficção científica, contém uma seção com contos nacionais de FC cyberpunk, entrevistas e artigos sobre os convidados de honra, e uma seção especial com contos e artigos de escritores do Primeiro Fandom Brasileiro, além de documentos sobre as atividades do Primeiro Fandom, na década de 1960. Contribuições de Ivanir Calado, Carlos Angelo, Vagner Vargas, Walter Martins, Bruce Sterling, André Carneiro, Braulio Tavares, Nilson D. Martello, Ivan Carlos Regina, Domingos Carvalho da Silva, Guilherme Kujawski e Sergio Kulpas. Encadernado em capa dura, com sobre-capa ilustrada. Para o exterior: US\$ 35,00, incluindo

postagem. Pedidos com Edgard Guimarães: Praça Monsenhor Noronha, 21, Brasópolis, MG, CEP: 3730-000 - *O MALDITO* (Editora 34)

Biografia de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, assinada pelos jornalistas André Barcinski e Ivan Finotti. Matérias de várias páginas publicadas no *Jornal da Tarde, Folha de S. Paulo* e *O Globo* destacam os ataques da censura durante o regime militar, sobre a obra de Marins (que o foi o cineasta brasileiro) mais censurado. Prefácio de Rogério Sganzerla.

- *AS PALAVRAS SECRETAS*

(Cia das Letras)

Livro de contos de Rubem Figueiredo, alguns sendo fantásticos.

- *O RETORNO DO CAPITÃO KIRK*

A revista de ficção científica *Sci-Fi News* está lançando o mais recente livro do astro de *Jornada*, William Shatner (Capitão James Kirk).

- *TERRA I*

A Editora Abril Jovem inaugurou o novo selo Abril Comics, especializado em quadrinhos. O primeiro lançamento do selo é *Terra I*, minissérie de ficção científica, escrita por Sérgio Figueiredo e David Campiti e desenhada por Carlos Mota e René Micheletti.

- *SEQÜELAS*

Nos quadrinhos alternativos a opção é a coletânea de Lourenço Mutarelli, nela estão registrados os últimos 10 anos do desenhista.

- *VAMPIRO - IDADE DAS TREVAS*

É o lançamento mais aguardado pelos fanáticos por RPG, ele é a continuação dos consagrados *Vampiro* e *Vampiro - A máscara*. Todos esses títulos são da Devir Livraria.

Outros lançamentos:

- *O PACTO (The Oath)*

Frank Peretti. Editora Bompastor. Tradução de Maria José Arabicano.

- *A MALDIÇÃO DO CIGANO (Thinner)*

Richard Bachman (Stephen King). Editora Objetiva.

- *HAROUM E O MAR DE HISTÓRIAS (Haroum and the Sea of Stories)*

Salman Rushdie. Cia das Letras.

- *ALIENS TESTAM SEU QI*

Editora Mercuryo.

<<http://www.mercuryo.com.br>>

- A METAFÍSICA DE JORNADA NAS ESTRELAS

No exterior:

- **WARPEDFACTORS**

<<http://www.warpedfactors.com>>

Depois de William Shatner, Leonard Nimoy e George Takei, é a vez de Walter Koenig, o Chekov da serie original de *Star Trek* lançar seu próprio livro de memorias. Que é bem diferente dos outros. Ao invés de na capa uma foto ativa de seu autor no uniforme da Frota, uma careta risonha. E parece que esse é o tom do livro, que focaliza mais sobre a vida do Koenig mais do que necessariamente *Star Trek*. Para os que não sabem, atualmente ele faz o papel do temível Alfred Bester, agente da Psi Corps em *Babylon 5*.

- **THE SMITHSONIAN INSTITUTE**

(Random House; 260 págs.; R\$ 38,41) O livro de Gore Vidal é uma mistura de FC e sátira surreal. Em seu livro anterior, *Palimpsesto*, ele conta que teria sacrificado sua vida para salvar Jimmie Trimble, que foi morto na Segunda Guerra Mundial. Se não conseguiu na vida real, agora o faz neste novo livro. Ele é representado no livro por um garoto genial que viaja no tempo para empurrar o personagem correspondente a Trimble para dentro de uma dobra no tempo e para longe do perigo. O preguiçoso menino prodígio foi recrutado para auxiliar nas pesquisas sobre viagens no tempo e física nuclear, vitais para a defesa da nação.

O herói T. (que pode significar “tempo” ou “Trimble”) insensatamente defende a criação de uma bomba atômica que destrua não as pessoas, mas a propriedade. E para impedir os horrores apocalípticos o pássaro juvenil “voa” pelo tempo para alterar a história. Escondido em túneis subterrâneos, James Smithson governa o reino dos mortos e pondera sobre os mistérios da vida.

As aventuras de T. começam quando ele descobre que os bonecos de cera se divertem depois que o museu fecha. O livro pode ser encomendado na Livraria Cultura pelo telefone (011) 285-4033 ou via internet:<www.livcultura.com.br>.

Futuros lançamentos:

- **ESFERA**

Este ano é possível que também vejamos a republicação deste livro de Crichton, devido à versão cinematográfica. O romance foi publicado originalmente no Brasil em 1988, pela Best Seller.

- **ESPAÇO/AVENTURAS ESPACIAIS** (a ser definido) **GURPS SPACE**

A editora Devir, está para publicar este manual de RPG, recomendado mesmo para quem não joga, pois ensina como construir universos ficcionais coerentes, com todos os clichês do gênero: naves, FTL, alienígenas e até planetas.

VENCEDORES DO NÉBULA

Writer Emeritus: Nelson S. Bond

Service Award: Robin Wayne Bailey

Short Story: Jane Yolen,

“Sister Emily’s Lightship”

Novellette: Nancy Kress,

“The Flowers of Aulit Prison”

Novella: Jerry Olton,

“Abandon in Place”

Novel: Vonda McIntyre,

“The Moon and the Sun”.

OS MAIS RECENTES BESTSELLERS DE FC E FANTASIA segundo a Amazon Books

1. *Komarr*,

Lois McMaster Bujold / 1998 / US\$15,40

2. *The Path of Daggers*,

Robert Jordan / 1998 / US\$19,57

3. *The Sparrow*,

Mary Doria Russell / 1997 / US\$9,60

4. *The Tooth Fairy*,

Graham Joyce / 1998 / US\$16,07

5. *The Star Wars Encyclopedia*,

Stephen J. Sansweet / 1998 / US\$34,97

6. *Heaven’s Reach*,

David Brin / 1998 / US\$17,47

7. *Shards of a Broken Crown*,

Raymond E. Feist / 1998 / US\$16,80

8. *The Neutronium Alchemist: Conflict*,

Peter F. Hamilton / 1998 / US\$5,20

9. *Galilee*,

Clive Barker / 1998 / US\$18,20

10. *Red Mars*,

Kim Stanley Robinson / 1993 / US\$5,59

11. *The Neutronium Alchemist : Consolidation*,

Peter F. Hamilton / 1998 / US\$5,20

12. *J.R.R. Tolkien: The Hobbit and the Complete Lord of the Rings, the Fellowship of the Ring, the Two Towers, the Return of the King/Boxed Set*,

J. R. R. Tolkien / 1991 / US\$19,17

13. *Douglas Adams’s Starship Titanic: A Novel*,

Terry Jones, Douglas Adams / 1997 / US\$10,00

14. *Jingo: A Novel of Discworld*

Terry Pratchett / 1998 / US\$16,80

15. *The Reality Dysfunction: Emergence*,

Peter F. Hamilton, R. Woodman / 1997 / US\$4,79

16. *Outpost*,

Scott MacKay / 1998 / US\$17,47

17. *Children of God: A Novel*

Mary Doria Russell / 1998 / US\$16,77

18. *Snow Crash*,

Neal Stephenson / 1993 / US\$5,59

19. *Ports of Call*,

Jack Vance / 1998 / US\$17,47

20. *The Reality Dysfunction: Expansion*,

Peter F. Hamilton, R. Woodman / 1997 / US\$4,79

21. *Star Wars: I, Jedi* (Star Wars Series),

Michael A. Stackpole / 1998 / US\$16,77

22. *The Family Tree*,

Sheri S. Tepper / 1998 / US\$5,59

23. *Blue Mars*,

Kim Stanley Robinson / 1997 / US\$5,59

24. *Green Mars*,

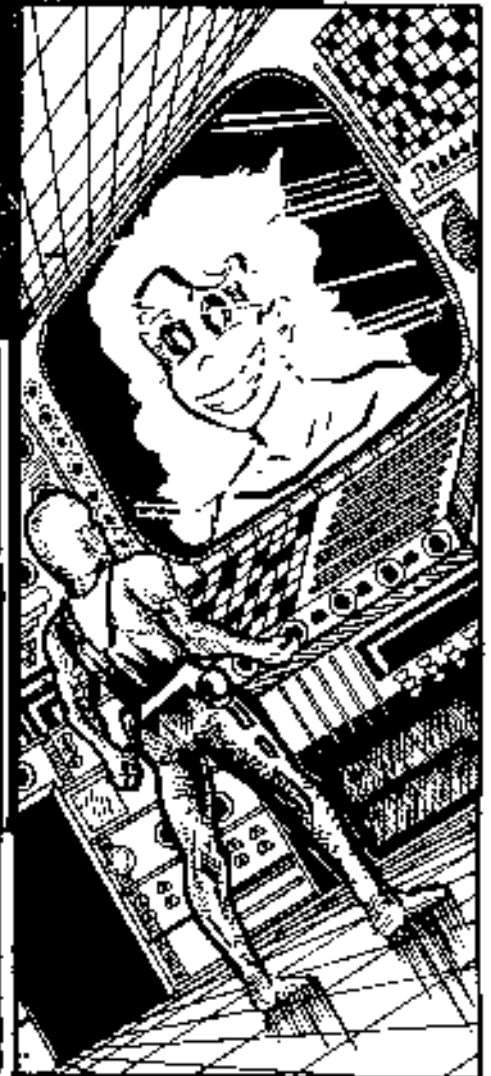
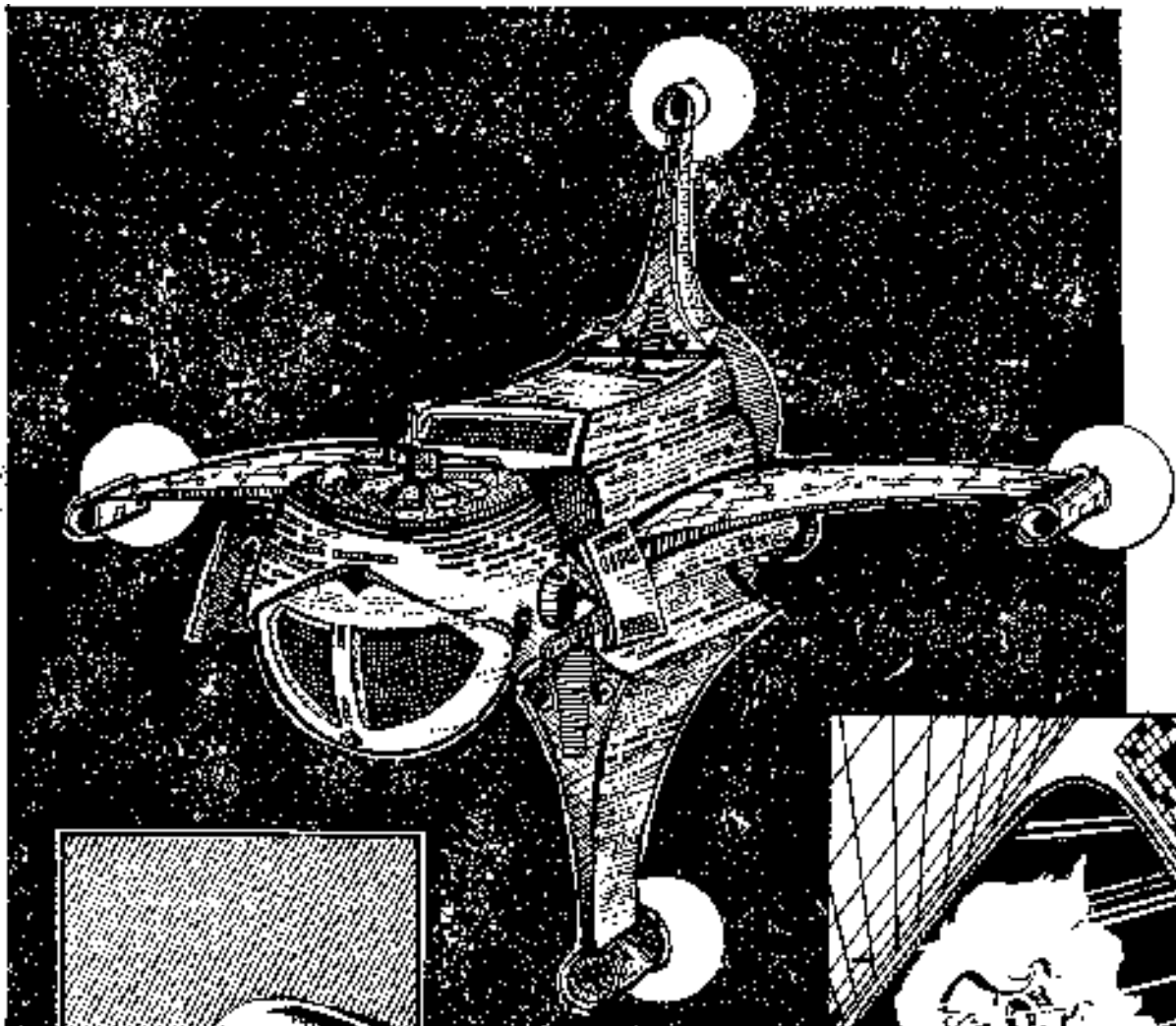
Kim Stanley Robinson / 1995 / US\$5,59

25. *The Golden Compass*,

Philip Pullman, Terry Brooks / 1997 / US\$4,79

Agradecimentos:

Gostaria de agradecer ao *A-X Report*, a Gerson Lodi-Ribeiro (CLFC 090), a Marcello Simão Branco (CLFC 083), a Roberto Causo (CLFC 023), a Ernesto Nakamura e a Fábio Barreto pelo material recebido



Quando era garoto, eu pensava que as coisas ruins só aconteciam na casa do vizinho. Acidentes e fatos desagradáveis, apenas a parentes distantes. Em idos de 29, quando eu já tinha percorrido grosso modo metade da minha adolescência, meu velho morreu no grande surto de hemopatia viral mutagênica, uma pandemia que atingiu as principais concentrações do hemisfério norte àquela época. É claro que me senti tremendamente abalado. Mas acreditei que aquela era a exceção que confirmava a regra.

Mas chega um momento na sua vida que você tem que encarar as coisas como elas são. Sem rodeios. Sem subterfúgios. O acidente havia acontecido comigo. E que acidente!

Não sobrou muito para contar a história. Segundo o Dr. Harrison, no entanto, a equipe médica iria dar um jeito nisso.

Giro meu sensor visual, que observava distraidamente os indicadores de um console acoplado ao biocomputador. Examino as informações das cinco telas que estão exibindo trechos do meu eletroencefalograma. Foco a objetiva no pedestal cilíndrico que ocupa um lugar de honra no centro do aposento. Como sempre, a estrutura permanece envolta numa nuvem de filamentos ópticos e nanotransdutores eletrônicos. No topo, se destaca uma cúpula semi-esférica transparente. Imerso em fluido nutritivo e espetado por miríades de tubos e fios no interior da cúpula, uma massa branco-acinzentado do tamanho de um melão parece se dobrar sobre si mesma. Obviamente, um cérebro. Meu cérebro. Eu.

Aquilo que sobrou do acidente.

Realmente, um acidente e tanto.

Eu dirigia relaxado, sem grandes preocupações, apesar de estar saindo tarde do trabalho, depois de mais um dia de pesquisa exaustiva no Departamento de Zoologia da universidade. O Mitsubishi conversível foi colhido em cheio por uma turbocarreta de dezoito rodas que cruzou o sinal vermelho de uma via secundária. Depois de atingir o meu veículo, o carreteiro perdeu o controle da direção. O monstro desgovernado subiu calçada acima, colidindo violentamente contra um muro de concreto maciço a quase cem quilômetros por hora. Meu carro, já bastante avariado pelo impacto inicial, foi lançado para o alto, e acabou caindo entre a carreta e o muro, na exata fração de segundo anterior à colisão.

Resultado do trabalho da equipe de remoção: duas pessoas arrancadas do interior de um monte de ferragens retorcidas e fumegantes. Só não houve a clássica explosão, porque não era um filme... Bem, uma dessas pessoas ainda estava viva. Viva, mas com quase todos os músculos e tecidos em frangalhos, ossos pulverizados, e cérebro milagrosamente intato. O outro corpo, de mulher (Jackie Somtow, minha assistente tailandesa, amiga fiel e amante ocasional), embora ainda mantivesse intatas as suas formas admiráveis, já não contava com a cabeça linda e inteligente sobre os ombros.

Minha cirurgia cerebral começou no próprio local do acidente. No início, entretanto, pouco se pôde fazer, além de salvar minha vida.

No hospital, meu cérebro foi separado do invólucro moribundo e mantido artificialmente vivo. Aquilo jamais havia sido tentado antes. Não por falta das técnicas médicas necessárias, é claro, mas graças a uma meia dúzia de questões intrincadas de caráter ético e moral. Contudo, milhares de cérebros de ratos e algumas dezenas de cérebros de chimpanzés eram mantidos vivos e saudáveis há anos, em vários laboratórios espalhados pelo mundo afora.

Examino meu holoencefalograma mais uma vez. Sem dúvida, eu estou muito bem hoje. Imersos no líquido amarelo pálido, os tecidos amorfos do cérebro, no entanto, não emitem o menor sinal da vida. Como sempre.

Foi um recomeço terrível. Senti uma dificuldade tremenda em aceitar a verdade. Como podia estar vivo, se já não dispunha de um corpo?

A aceitação veio com o tempo. Os médicos do Instituto conectaram uma série de microaparelhos aos meus centro nervosos, motores e sensoriais. Graças aos mesmos, sou capaz de ver, ouvir e até manipular objetos, com o auxílio de um braço eletromecânico bastante robusto. Não puderam fazer nada quanto ao meu olfato. Mas acabei recuperando a fala com a utilização de um sintetizador de voz. Um circuito versátil capaz de simular o timbre de minha antiga voz orgânica.

Mas o melhor mesmo foi quando colocaram um biocomputador potente à minha disposição. Senti-me um bocado estranho no princípio. Como se tivesse um poder intelectual gigantesco (“capacidade de processamento”, como eles gostavam de chamar). Possuía também uma memória absolutamente infalível e o acesso completo a milhares de bibliotecas sobre os mais diversos assuntos. Quando *despertei*, é claro, não sabia utilizar nenhuma dessas faculdades. Mas, de um modo quase instintivo, num rápido ensaio e erro, fui descobrindo meus novos *poderes* e me adestrando quanto ao modo de aplicá-los da melhor maneira possível.

Para ser sincero, no início eu me sentia um pouco como se eu fosse o próprio biocomputador. Um biocomp cujas

unidades de multiprocessamento paralelo fossem as partes de um cérebro humano, com uma mente humana por programam- mestre. Uma mente repleta de recordações de uma infância razoavelmente feliz, uma adolescência conturbada e uma breve vida adulta, ceifada pela imperícia de um carreteiro. Naqueles primeiros dias sombrios, era quase como se todo o passado pré-Instituto fizesse parte de uma outra existência, que não a minha própria.

Com o passar do tempo, a idéia dessa existência descorporificada foi se tornando cada vez mais familiar. Mas às vezes ainda me sinto daquela forma. Vinte anos nesta sala, imerso no interior de uma cúpula horrível, é o bastante para fazer com que qualquer pessoa normal se sentir assim!

Existem as compensações, como já disse. Acoplado ao biocomp, aprendi mais nesses vinte anos do que o faria em dez vidas normais. Domino quase todos os campos do conhecimento humano. Quando chegar a hora, no entanto, estou disposto a abrir mão de quase tudo isso, pela oportunidade de voltar a sentir o aroma das flores silvestres, o prazer de correr uma vez mais pelos campos verdejantes, de sentir a brisa suave no meu rosto, o ar primaveril, os raios cálidos do sol dourando minha pele nua.

Esse dia está se aproximando.

Antes de despachar o meu cadáver esmigalhado para uma faculdade de medicina qualquer, o grupo de resgate teve o bom senso de retirar algumas amostras de células daquela papa ensangüentada. A equipe médica do Instituto gerou um clone a partir dessas células.

O clone nasceu há dezenove anos. É mantido vivo por aparelhos biomédicos. Umás duas dúzias de máquinas providenciam para que os centros motores e sensoriais, os músculos e os órgãos trabalhem e sejam estimulados em seus ritmos devidos, impedindo que se atrofiem. O neocórtex foi lesado através de técnicas cirúrgicas delicadas. Embora façam um certo mistério acerca do meu clone, consegui descobrir que seu corpo é saudável.

Dentro em breve, o clone terá seu cérebro vazio extirpado e o meu transplantado para seu crânio. Voltarei a ser um homem. Um ser humano normal, e não um *cyborg* que evoca piedade e assombro.

Sairei finalmente desta sala. Verei caras novas. Deixarei de estar sempre com os mesmos cinco membros da equipe responsável pela minha redenção e, também, pelo meu purgatório. Cinco rostos que vi envelhecerem. Rostos de homens e mulheres que evoluíram de uma meia-idade saudável até as faces enrugadas, pertencentes a cientistas idosos, cujos olhos acesos mantêm, no entanto, o brilho da lucidez.

Os cientistas da equipe, um misto de redentores e algozes, jamais consentiram que eu recebesse visitas. Até hoje, só permitiram que eu concedesse três holoentrevistas (apesar da insistência constante das várias cadeias noticiosas). Já deixaram que eu visualizasse o exterior uma meia dúzia de vezes, e mais nada.

Em poucos dias tudo isso terá um fim. Quando eu for humano outra vez.

* * *

Anderson, o homem grisalho, curvado pelo peso dos anos, que os demais costumam tratar com deferência, é o primeiro a entrar. Uma maca automática segue seus passos. Impulsionada por um pequeno motor elétrico, ela desliza silenciosa no piso lustroso. Os outros quatro membros da equipe entram logo depois da maca.

Eles se mantêm curiosamente afastados da mesma. Não lhes dedico a mínima atenção, é lógico. Extasiado, volto a objetiva para o corpo humano que jaz inconsciente sobre a maca. Está coberto por um tecido fino de cor branca, possibilitando visualizar os seus contornos e proporções. Vestindo um traje-estaque esquisito (“Quanta cautela!”, penso), a Dr^a Farmer, ativa o dispositivo de controle que segurava cuidadosamente com ambas as mãos. Braços mecânicos ágeis e esguios emergem da superfície inferior da maca e dobram o tecido protetor à altura do ventre do homem deitado.

Não há dúvida. Embora inteiramente calvo e desprovido de pelos, atado por cintas e atulhado de tubos e filamentos multicoloridos, o corpo é idêntico ao que eu costumava ter, antes do acidente. Meu corpo! Ou melhor, o corpo de meu clone *non compus mentis*.

Depois de todos esses anos, volto a observar de perto o corpo de um ser humano jovem. E não se trata de um ser humano qualquer, mas de minha própria pessoa!

- Chegou o grande dia, afinal?

- O seu dia chegou, meu amigo. - Anderson se comporta de um modo estranhamente jovial, um fato sem precedentes em se tratando de sua pessoa. - Hoje, você vai se tornar um homem.

- Mal posso acreditar! Depois de tantos anos de espera... - Embarço. Não pensei que iria me sentir tão emocionado. - ... vou recuperar a forma humana.

O Dr. Suvin pigarreia, discreto, recebendo por isto um olhar irritado de Anderson. Os dois se enfrentam em silêncio, enquanto os outros membros da equipe não ousam sequer respirar. A tensão se dissipa quando o neurofisiologista, com um encolher de ombros, desvia os olhos do fulgor emanado pela fisionomia gélida do chefe de pesquisa. Reassumido o controle da situação, Anderson cofia a barba branca bem cuidada e fala com voz calma e pausada:

- Adam, antes que o transplante seja realizado há algo que precisa saber. Algo fundamental que, acreditamos, norteará toda a sua existência futura como ser humano.

- Tudo bem. Posso esperar um pouco mais. Digam o que julgam que eu deva saber.

- O mundo, Adam, - Divirto-me um pouco com o tom trêmulo do Dr. Harrison, como uma vela bruxuleante, prestes a se apagar, - não é exatamente como dissemos que era. Durante todo esse período que passou conosco, desde o início, julgamos que seria melhor para você se não soubesse toda a verdade de antemão.

- Verdade? - Sinto uma pontada de medo, logo afogada num vagalhão de curiosidade. - Do que vocês estão falando?

- Começamos do princípio, meu caro. - Não me lembro de Anderson tão decidido assim há anos. - Primeiro, vamos explicar no que consiste “toda a verdade”, segundo palavras de Harrison. Depois, vamos falar dos nossos motivos para ter procedido do modo que fizemos.

Desculpe se parecemos bruscos. Porém, como você vai compreender, já não há muito tempo para rodeios. Prolongamos a sua estada e o seu isolamento aqui o máximo possível, com o objetivo de tentar otimizar as chances de êxito do projeto. Contudo, o nosso tempo está prestes a se esgotar. Em breve, não poderá contar mais conosco para auxiliá-lo. Tudo vai ficar por sua conta. E, neste caso, as responsabilidades serão imensas, meu amigo.

- Começo a me sentir apavorado! É incrível o tom de ironia perfeito que um sintetizador de voz sofisticado pode produzir.

- Conte logo a ele, Andy! - O tom da Dr^a. Zebrowski soa quase como que uma súplica. - Diga o que ele deve saber!

- Estou tentando fazê-lo, querida. - Neste instante, sinto que ele parece imbuído de uma firmeza de propósito e uma paciência inabaláveis. Suspira para espantar o cansaço e me dirige novamente um resmungo. - Muito bem, Adam.

Ele não prossegue logo. Tenho a impressão que está pensando na melhor maneira de abordar um assunto delicado. Começa a falar, quando eu já estava prestes a perder as estribeiras.

- Até hoje, você foi levado a crer que é ser humano de sexo masculino que, por causa de um acidente automobilístico, ficou reduzido a pouco mais que um cérebro imerso em fluido nutriente, acoplado a um biocomputador de última geração.

- Fui levado a crer, Anderson? Eu *sou* um homem! Sei que estou desprovido de um organismo físico há quase duas décadas. Mas me lembro perfeitamente do tempo em que não só possuía um corpo, como sabia usá-lo muito bem.

- Estas memórias foram plantadas de uma forma muito sutil no programa que constitui a sua mente. Mesmo dentro do traje estanque, a Dr^a. Farmer parece visivelmente esgotada.

- Plantadas em minha mente? Vocês só podem estar brincando! Porque se dariam a este trabalho todo?

- Para fazê-lo acreditar que é Adam Fatherman, um homem acidentado. A voz do Dr. Harrison soa bem firme, com uma calma assustadora.

- E quem eu seria, então? - Estou um pouco incrédulo mas, ao mesmo tempo, me divirto com a charada. - Onde estariam as minhas memórias verdadeiras?

- Não há memórias reais. - O tom de Anderson é enfático. - Foi tudo engendrado.

- Tudo? O que você quer dizer com *tudo*?

- Sua mente. Suas recordações. Sua personalidade. Você. Tudo o que você julga ser.

- Pelo amor de Deus, Andy! - O grito da Dr^a. Zebrowski reverbera num eco estridente, surpreendentemente histérico. - Acaba logo com isto! Por que não diz logo que ele não passa de um maldito programa...

- Natasha! Anderson quase explode de indignação. Seu rosto habitualmente pálido, congestiona-se com uma cor rubra, que eu nunca havia presenciado em seu semblante, sempre tão calmo.

- Um programa! Esta é muito boa! Um programa... A gargalhada me sai do sintetizador alegre e espontânea.

- Eu avisei que ele não ia acreditar. - Anderson suspira, soltando o ar dos pulmões. Lança um olhar em direção ao pedestal do meu cérebro e se volta para a câmera que emprego para observá-los. - Bem, temos aqui o material necessário para convencê-lo. Suvin, me passa o laser.

O cientista menos idoso abre em frente ao chefe de pesquisa um estojo de couro que levava sob o braço direito. Anderson manuseia o artefato com a cautela e o respeito típicos de quem nunca precisou lidar com armas.

Vejamos o modelo. Rastreo automático de cores e dimensões. Depois de uma consulta instantânea a duas das bibliotecas militares, descubro se tratar de uma submetralhadora termolaser portátil, modelo PTL-47A, versão 2027 AD. Antiquada, mas de modo algum obsoleta. Uma arma de grande poder ofensivo, de uso exclusivo das Forças Armadas.

- Deseja um prova, não é, Adam? Sorrindo, Anderson ajusta a PTL em potência mínima e feixe difuso. Aponta para a cúpula no topo do pedestal e destrava o disparador.

- Ah, Anderson... Que blefe mais bobo! - Tento dar um tom calmo à voz sintética. Mas a qualidade do aparelho se volta contra mim, ecoando o meu temor. - O que está pretendendo afinal?

- Destruir esse cérebro vegetal e amorfo, que temos mantido vivo há quase um ano, a bem da encenação.

- Não, Anderson. Por favor, não... Minhas súplicas chegam tarde demais.

A submetralhadora dispara. O feixe coerente ultravioleta atravessa a cúpula transparente sem danificá-la e começa a calcinar meus tecidos orgânicos.

Não sinto nada.

O fluido nutriente borbulha e ferve, emitindo um chiado agudo. A superfície interna da cúpula escurece. Cinco segundos mais tarde, os últimos vestígios de líquido se transformam em vapor.

Do meu cérebro só resta uma massa enegrecida e fumegante, menor que um punho fechado. Uma fumaça parda e espessa se espalha pelo interior da cúpula.

O líder do projeto se volta outra vez para a minha câmera.

- Desculpe, Adam. Foi uma experiência traumática, não há dúvida. Mas necessária. Você estava precisando de um tratamento de choque para começar a acreditar naquilo que pretendemos contar.

- Não, não, não! Eu não acredito! Sou um homem, um ser humano! Não um simples programa!

- Se ainda não estiver inteiramente convencido, sugiro que busque a confirmação na área Favo-ômega.

Favo-Ômega! O único nódulo de memória bloqueado para mim. Durante todos esses anos, tenho sitiado essa área secreta. Não obstante os meios poderosos ao meu dispor, jamais consegui transpor as muralhas da cidadela. Os códigos de bloqueio da Favo-Ômega permanecem inexpugnáveis. E o seu conteúdo um mistério.

- Vocês nunca franquearam meu acesso a essa área.

- As coisas mudam, meu amigo. Anderson devolve a PTL ao estojo aberto por Suvin.

- Não me chame de amigo! Mas, apesar da fúria, aceito a sugestão. Para minha surpresa, o acesso a Favo-Ômega está liberado.

É incrível!

Armazenados nesse nódulo de memória estão todos os arquivos e planos para a implementação de um projeto de pesquisa experimental em inteligência artificial autoconsciente. O Projeto Fatherman.

A especificação detalha uma seqüência extremamente longa de passos para a criação de um programa multi-heurístico autoconsciente. Todo o comportamento humano, ou perto disso, regido por cerca de setecentos milhões de algoritmos heurísticos. Desde as sensações, as respostas instintivas, as emoções e os sentimentos, até as lembranças forjadas. Tudo isso indistinguível dos seus congêneres humanos autênticos.

Está tudo muito claro agora.

Não passo de um programa.

Um programa incrivelmente complexo, cuja criação teria sido impossível sem o auxílio de outras inteligências artificiais autoconscientes. Uma entidade tão sofisticada, a seu modo, quanto a própria mente humana.

Ainda assim, um programa. Autoconsciente. Contudo, desprovido de vida autônoma.

Este programa foi posto em funcionamento há poucos meses. E não há vinte anos, como eu pensava. A sensação de estar há décadas aprisionado neste aposento constitui, é lógico, uma partícula minúscula no oceano das minhas recordações forjadas.

Compreendo agora muitas coisas que me haviam passado quase despercebidas. Jamais sai deste aposento, pois o biocomp está aqui, e eu estou dentro dele. Como programa, sou uma simulação quase perfeita. Há, contudo, algumas lacunas. Não me lembro, por exemplo, de aroma algum, agradável ou não. O motivo é bem óbvio. A tecnologia biomédica não consegue decodificar os sinais eletroquímicos associados ao olfato, diferente do que ocorreu com a visão e a audição.

Inteiramente ludibriado!

Como consolo, resta apenas o fato de que fui programado, exatamente e desde o início, para aceitar o embuste como verdade.

O sentimento de amargura só permite a pergunta: - Por quê?

- Não nos julgue tão mal, meu amigo. - A voz de Anderson é pouco mais que um sussurro. - Você sabe que não seríamos capazes de criar uma entidade racional com o propósito único e exclusivo de enganá-la e tripudiar sobre ela. Esse corpo jovem estendido na maca é humano e real. Não está, é claro, neste recinto. Esta é apenas uma projeção holográfica.

Para terminar de me convencer, a Dr^a. Farmer ativa o controle em suas mãos enluvadas e aquilo que eu tinha como meu clone desaparece por completo, com a maca e tudo.

Anderson fita o espaço vazio ocupado anteriormente pela projeção, com um ar que suponho tristonho e filosófico. Volta o rosto para mim, e acrescenta:

- O cérebro do clone está vazio, mas em perfeito estado. Vamos baixá-lo no neocórtex dele assim que disser que está pronto. Dedicamos não vinte, mas trinta e nove anos, ao êxito deste projeto.

Você é nosso oitavo protótipo, e o primeiro inteiramente bem sucedido. Demos graças aos céus pelo êxito, pois não acreditamos haver tempo para uma nona tentativa.

- Como pretendem carregar as recordações simuladas de um programa numa rede de neurônios humanos?

- Suvin e eu levamos vinte e três anos desenvolvendo a tecnologia e os sistemas que vão tornar esse *upload* possível. Percebo uma ponta de orgulho na voz cansada do Dr. Harrison.

- Um esforço medonho para criar um programa autoconsciente que vai se tornar humano. E daí? Pretendem ganhar

um Prêmio Nobel com isto?

- Não, meu caro. - Não percebo no sorriso de Anderson a satisfação pela vitória conquistada a duras penas. Vislumbro nele apenas uma exaustão, abrangendo todas as áreas emocionais da sua personalidade. (Gozado, me surpreendo falando como se também ele fosse um programa...) - Pretendíamos criar uma mente humana artificial para habitar um corpo humano natural. Um espírito, para transformar uns setenta e poucos quilogramas de carne inerte num ser humano.

O pior de tudo é que eu só vejo sinceridade em seus olhos.

- E para bem da humanidade, nós o conseguimos!

- Apenas um ser humano a mais. Um dentre dez bilhões.

- Não, Adam. - Já liberta do capacete de seu traje, a Dr^a. Farmer sacode a cabeleira grisalha gravemente, denotando no olhar uma tristeza muito grande, para além de qualquer remédio ou consolo. - Toda a vida racional da Terra se encontra hoje no interior desta sala. Nós, cinco velhos estéreis, e irrevogavelmente contaminados pela radiação, e você, meu filho.

- Contaminados por radiação? Que conversa é essa? Para que isso tudo?

- Vamos por partes. - Fala a Dr^a Zebrowski. - Você vai assumir um corpo jovem e saudável, como prometemos. E não só isso, mas assumir também a herança da humanidade. E uma missão de importância vital. Um desígnio que, esperamos, salvará a espécie humana da extinção...

- Eu? Mas, como?

- Explore mais o Favo-Ômega, Adam. - Sugere Anderson num tom neutro. - Até o fundo.

Faço o que ele diz. Mergulho de cabeça.

Os arquivos históricos que me haviam preparado foram propositadamente adulterados com uma versão fictícia, muito mais suave que a verdadeira.

Nesses arquivos constava que a boa parte da humanidade foi ceifada por um conflito termonuclear de proporções globais entre o Norte e o Sul.

Com o término desse conflito, as dezenas de milhões de sobreviventes, depois de duas gerações de privações e sacrifícios, conseguiram reconstruir a civilização.

Na realidade, jamais existiram os tais milhões de sobreviventes.

Apenas umas poucas dezenas de cientistas de uma equipe do bloco russo-americano, enterrada nas profundezas dos Cárpatos Lunares.

A Terra se transformou num planeta estéril. Um autêntico inferno radioativo, eu diria, abusando bastante de um velho clichê. Os insetos e algumas formas vegetais mais resistentes sobreviveram, assim como grande parte das criaturas marinhas.

Todavia, a fauna terrestre de médio e grande porte foi inteiramente varrida. A humanidade inclusive.

Os cientistas da base selenita abandonaram a segurança dos laboratórios sublunares e regressaram à Terra devastada, três anos depois do cataclismo.

Um lance extremamente arriscado. De uma certa maneira, a última cartada da espécie humana. Na Lua, talvez conseguissem sobreviver por quatro décadas ou mais. Na Terra, radioativa e contaminada, estariam com os dias contados. Mas julgavam poder fazer alguma coisa.

Algo capaz de salvar a humanidade e o planeta...

Meu Deus! Como os humanos haviam sido loucos! Com os seus ódios e os seus nacionalismos idiotas, suas ideologias tacanhas e sua incompreensão, haviam arrasado não só a própria espécie, mas uma biosfera inteira.

Liberta dos bloqueios impostos por um conjunto de sub-rotinas sutis, uma parte de mim observa divertida o quão rápido eu fora capaz de me eximir da responsabilidade humana pelo holocausto.

Todos aqueles sonhos grandiosos! A obtenção da imortalidade. A conquista do cosmos. A exploração de outros sistemas estelares. Tudo incinerado por um bando de lobos esfaimados pelo poder.

Sinto-me amargurado demais para exteriorizar esses pensamentos. Realmente é verdade: embora não passe de um programa, também possuo emoções. Ainda encontro forças para perguntar:

- Há quantos anos se deu o holocausto?

A Dr^a. Farmer olha serena para a minha objetiva e suspira antes de responder.

- Há pouco mais de quatro décadas. Nosso regresso se deu há trinta e nove anos.

- Como pretendem salvar a espécie? Mesmo que me consigam fornecer um corpo humano, que poderei fazer sozinho?

- Meu bom amigo, - Anderson retoma a explicação, embora já mostre sinais visíveis de cansaço, - estamos no interior de um abrigo antinuclear com capacidade para dez mil pessoas. Uma pequena cidade subterrânea, auto-suficiente e isolada do mundo exterior. Infelizmente, o país que o construiu não conseguiu populá-lo antes que a catástrofe se abatesse sobre seus cidadãos. Sua pequena guarnição desertou calmamente poucas semanas depois do conflito. Para

nossa desdita, fomos incapazes de reprogramar o portão de acesso da cidadela antes que as reservas de oxigênio dos nossos trajes espaciais se esgotassem. Quase o conseguimos. Mas, no final, fomos obrigados a respirar o ar radioativo presente na atmosfera durante pouco mais de três horas. A radiação não nos matou, é lógico. Mas reduziu drasticamente a nossa expectativa de vida. E nos tornou estéreis.

- No entanto, os projetistas desta cidadela foram muito previdentes. - O Dr. Harrison toma a palavra, sob o olhar agradecido de Anderson, que aproveita para recuperar o fôlego. - Armazenaram milhões de óvulos em depósitos criogênicos, e sêmen suficiente para fecundá-los. Todas as principais espécies terrícolas estão representadas. Amostras dos diversos tipos de solo devem prover os microorganismos necessários para restituir o equilíbrio dos ecossistemas continentais.

- Existem, é claro, vastas quantidades de úteros artificiais e chocadeiras. Imaginamos que o complexo esteja apto a levar a bom termo os mais diferentes tipos de gestação. - O Dr. Suvin parece decidido a me incentivar e confundir com detalhes adicionais. - Compreende o que isto significa, Adam? Dentro em alguns anos, a radioatividade da superfície terá decrescido a níveis toleráveis, e você poderá iniciar o repovoamento da Terra.

- Eu? E vocês, o que farão?

Anderson retoma a palavra para responder.

- Só nos restam uns poucos meses, Adam. Seu corpo físico teve seu desenvolvimento natural acelerado. Possui pouco mais de cinco anos de idade cronológica, contra cerca de vinte de idade somática.

- Mas de quem é esse corpo afinal?

- Trata-se, na realidade, do clone de um cosmólogo ameríndio, Two Hawks, falecido há cerca de doze anos. A amostra celular havia sido coletada ainda na Lua. Uma amostra epitelial de rotina, a que todos nos submetemos e que decidimos manter, durante todo esse tempo, a salvo da radioatividade.

- Há quanto tempo eu estou aqui?

- Como entidade autoconsciente, você possui três anos e cinco meses de existência, embora suas últimas funções só tenham sido ativadas há cerca de oito meses.

- Porque não iniciaram vocês mesmos o processo de repovoamento?

- Esta cidadela tem o seu guardião, meu caro. - O riso de Anderson trai uma ponta de irritação, mesclada à exaustão predominante. - O programa-mestre que controla as instalações não fez as coisas mais fáceis para nós. Durante todos esses anos, ele nos permitiu habitá-las e nos concedeu uma certa liberdade para gozar das suas numerosas comodidades. Foi um sujeito boa praça, atendendo todos os nossos pedidos. Exceto num ponto, onde revelou uma inflexibilidade absoluta. Negou-nos terminantemente o acesso aos bancos genéticos, impedindo que repovoássemos a cidadela.

- Por quê?

- O programa-mestre é uma I.A.A. antiga, mas bastante sensata a seu modo. Ao que parece, ele é regido por uma diretiz suprema que o impede de franquear o acesso aos bancos de gametas, até que os níveis de radiação na superfície caiam a limites suportáveis pelos seres humanos, o que calculamos que ocorra dentro em cinco anos.

- Imagino que também existam óvulos e sêmen humanos nesses depósitos criogênicos?

- Várias dezenas de milhares de óvulos, e as doses de sêmen necessárias para fecundá-los. Não é muito. Mas, de qualquer forma, deverão ser suficientes para que vocês recomecem. Será o progenitor de uma nova estirpe de homens e mulheres, Adam. - A voz da Dr^a. Zebrowski estremece com a emoção súbita. - Cuide bem deles. Eduque-os de maneira nobre e correta, para a verdade e para a virtude. Não desejamos que venham cometer os mesmos erros da velha estirpe.

Um temor gigantesco toma conta de mim, à medida que vou me conscientizando da enorme responsabilidade do empreendimento.

- Mas eu vou ser o... único responsável?

- O único. - Suvin, sempre o mais jovial da equipe, me pisca um olho e sorri com simpatia. - O programa-mestre da cidadela irá auxiliá-lo com seus conselhos, por vezes até sábios. Mas, em última análise, todo o futuro da espécie humana, os seus sonhos de grandeza e glória e, mais importante, os seus ideais jamais alcançados, dependerão exclusivamente de você.

- De um simples programa! Exclamo, pesaroso ao recordar a minha origem impura.

- Não, meu filho. - Só então eu descubro as raízes daquele tom carinhoso, sempre presente na voz da Dr^a. Farmer. Amor maternal. O bom, velho e desacreditado amor maternal. Ela soluça um pouco. Lágrimas correndo pelas bochechas enrugadas. - Não um simples programa. Mas uma entidade autoconsciente, dotada de emoções, capaz de sentir como uma pessoa. Uma entidade racional apta a reagir como um ser humano, sob quaisquer circunstâncias. Capaz de superar os testes de Turing mais sofisticados já elaborados pela espécie que o criou. Uma pessoa! Entenda bem, Adam, uma pessoa.

- E, o melhor, uma entidade que está prestes a se tornar um ser humano de carne e osso. Acrescenta Anderson.

Sim! Quase me esqueci. O meu maior desejo.

Retornar... Não. Retornar não é mais o termo correto. Nunca foi.

Assumir. Sim, assumir a forma humana.

Finalmente, estou pronto para as responsabilidades gigantescas que seriam em breve depositadas sobre meus ombros de carne e osso.

Mais que pronto, eu estou ávido para a tarefa descomunal que se descortina à minha frente.

* * *

Não foi tão fácil quanto imaginei no princípio. Uma coisa é lembrar ter sido humano. Outra, inteiramente distinta, é tê-lo sido de fato. Diferente lembrar-me movendo um braço ou perna, e realmente movê-los. Pensei que sabia andar. Julgava-me plenamente capaz de proceder como um ser humano... Tolice! Como um bebê, aprendi a andar, enxergar, ouvir e cheirar com os meus novos membros e órgãos sensoriais.

Foi um primeiro mês muito difícil. E meus mestres já não possuíam o vigor físico necessário para me auxiliar.

E, pior ainda, por se julgarem mais ou menos contaminados, eles raramente ousavam se aproximar do meu novo corpo sem os trajes estanques. Explicaram que o risco de contaminação seria normalmente diminuto. Mas como havia a suspeita de que o meu organismo pudesse ser mais sensível que a média ao efeito da radiação (Two Hawks, o doador da única amostra genética segura, foi um dos primeiros a morrer), eles não se atreveram a colocar em risco minha saúde e — eu próprio tremia com a idéia — a última esperança da humanidade.

Portanto, os meus criadores se limitavam ao incentivo à distância, enfatizando sempre o quão importante era a minha aprendizagem.

Quatro meses depois dos meus últimos testes de aptidão, eles começaram a morrer. A doce Dr^a. Farmer foi a primeira.

Numa manhã, ela não apareceu no refeitório que utilizávamos (Muito estranho. Uma mesa grande para os cinco cientistas e outra, menor e bastante afastada da primeira, para mim. A comida era preparada e servida por autômatos). A Dr^a. Zebrowski nos disse que ela estava muito mal. Uma semana mais tarde, ela se foi.

Depois, foi a vez do Dr. Harrison. E então, a própria Dr^a. Zebrowski e o Dr. Suvin.

E, finalmente, para meu desespero e total desalento, o meu amigo Anderson.

Anderson. O grande arquiteto do Projeto Fatherman. O maior especialista em sistemas de inteligência artificial autoconsciente que já existiu. Anderson, em última análise, meu pai.

Sempre suspeitei que ele seria o último. Relutou até o final em abandonar o filho querido.

Em seu leito de morte, ele sussurra:

- Adam, meu filho, - sua voz parece tênue como um fio d'água, pouco mais que um murmúrio. Seus olhos azuis estão baços, quase imóveis - não ceda à solidão. Mantenha a sanidade a todo custo, pois o futuro da humanidade vai depender do modo como irá educar a primeira geração.

- Eu sei, meu amigo, eu sei.

- Não importa o que o programa-mestre afirme. Só dispare a fecundação dos óvulos humanos e animais quando estiver certo de que a superfície pode voltar a ser habitada.

- Vou fazer exatamente como combinamos, Anderson. - Minha voz está trêmula. Não consigo pronunciar as palavras direito, embora já tivesse há meses o pleno controle das cordas vocais. - Não se preocupe. Agirei conforme o planejado.

- Isto mesmo. E não se esqueça, não tente educar muitas crianças na primeira geração. Dez crianças de cada sexo devem bastar. A partir da segunda, com o auxílio dos mais crescidos, as coisas serão mais fáceis.

- Está bem, Andy. Educarei apenas uns poucos de cada vez. Procure descansar agora. Você está muito fraco.

- Não há tempo, filho. Está escurecendo. Já não estou conseguindo ver o seu rosto...

Ainda bem. Desse modo, não pode perceber as lágrimas que me correm face abaixo, pela primeira vez nesses meses de vida orgânica.

- Não pode imaginar o quanto esperamos para dar à humanidade esta pequena esperança de um novo começo. E o quão agoniativa e laboriosa foi a espera. Mas vamos fazer melhor desta vez. Jamais duvide da sua própria humanidade, meu filho... É preciso crer nela, para que os velhos erros...

Sua cabeça descai de lado sobre o travesseiro.

Enorme no interior da luva do traje-estanque, minha mão envolve a dele.

- Andy! Andy, fale comigo...

Morreu sem completar a sentença.

* * *

Vários anos se passaram desde então.

Os níveis de radiação na superfície estão quase normais. Na semana passada, o programa-mestre informou que os sistemas genéticos estão operacionais e sob minhas ordens. Calculo que dentro em alguns meses, ao mais tardar, poderei iniciar os preparativos para *parir* minhas primeiras crianças humanas.

Não sei se vou me sair bem como pai. Não tenho, é lógico, nenhuma experiência de paternidade. Mas imagino que esta seja uma preocupação comum, do tipo que passa pelo espírito de muitos pais e mães humanos desde o princípio dos tempos. Preparo-me ao máximo para amar e educar os meus filhos e filhas da melhor forma possível.

Afinal, vou ser o único ser humano a lhes servir de exemplo. Talvez não tenha o direito de me afirmar humano, embora o programa-mestre pareça julgar que eu conquistei esse direito. Desde a morte de Anderson, ele tem me obedecido incondicionalmente, sem hesitações.

Para bem e para mal, estou prestes a me tornar pai e mãe dos meus queridos bebês humanos.

COMPRE, LEIA E COLABORE TAMBÉM COM OS DEMAIS FANZINES BRASILEIROS!

• **Astaroth:** Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Hiperespaço:** Editores: Cesar R.T. Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Caixa Postal 375, Santo André/SP, 09001-970

• **Hipertexto:** Editores: Carlos André Mores e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias. R. Tiradentes, 816, Estância Suiça, São Carlos/SP, 13560-430.

• **Informativo Perry Rhodan:** Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades, artigos e contos. Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041.

• **Intrepid:** Editor: Fábio Barreto. A4, 20 páginas, capa em cores. Lançamento caprichado dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas*. R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo/SP, 08290-000.

• **Juvenatrix:** Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Megalon:** Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Prioriza a literatura (contos, artigos e notícias), mas também abre espaço para cinema e quadrinhos. Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180

• **Notícias... do Fim do Nada:** Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Volta-se mais à literatura, com contos, artigos e publicação de listas

de livros e autores. É um importante pólo do fandom gaúcho. Rua Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150

• **Starlog Brief.** Editor: Alexys B. Lemos. A4, 10 páginas, trimestral. Fanzine dedicado a resenhar os principais artigos da *Starlog* americana. Vale mais que a versão nacional oficial. Cx. Postal 129, João Pessoa/PB, 58001-970.

• **Suplemento de Ficção Científica:** Editor: Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Contínuo*. Traz resenhas de livros estrangeiros e comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC. Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

• **Fábrica de Fanzines:**

Todos os fanzines da "Fábrica" são editados por Roberto de Sousa Causo, Rua Aimberê, 406/103, São Paulo/SP, 05018-010:

Biblioteca Essencial da FCB: série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

Borduna & Feitiçaria: A4, 16 páginas. Primeiro fanzine brasileiro especificamente voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.

Brazuca Review: A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.

Diário do Fandom: Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.

Papêra Uirandê Especial: A4, 36 páginas. O mais crítico e polêmico zine de ficção científica do País. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.

O Rhodaniano: A4, 12 páginas. Fanzine sobre Perry Rhodan e Space Opera. Traz artigos sobre a série alemã de FC e sobre *Star Wars*, ilustrações e o prólogo de uma noveleta de FC.

Na abrupta encosta da colina ao da qual se erguia a estação de trem, uma dezena de blocos retangulares e severos erguia-se como uma coleção de estranhos fungos gigantes. Quatro andares por bloco, por andar, seis apartamentos, todos agrupados em três distintos setores que se comunicavam com a exterior por meio de uma porta de vidro fosco e ferro pintado, larga, mas tão mal colocada que um passageiro distraído creria que os blocos estavam desprovidos de saída e que seus habitantes eram estranhos seres prisioneiros e escurridiços, que nasciam e morriam dentro dos limites dos alicerces de concreto armado.

O entorno, se vizinho do parque que se estendia pela metade ensolarada da colina, nada tinha de irmão. Nas estreitas faixas de terra que acompanhavam as calçadas retas, feitas de dura pedra cinzenta, haviam plantado o mínimo necessário para que aquilo fosse chamado de jardim. A única árvore que sobrevivera à devastação que significara a construção do condomínio, espremia-se entre os blocos C e D, erguendo os galhos aflitos em direção ao céu, buscando o ar que antes chegava em abundância, mas que agora se via reduzido à muito pouco. Do sol que a banhara durante três décadas, só restara o do meio-dia. Anoitecia muito cedo no condomínio. Às vezes, antes do anoitecer do horizonte, pintado de nuvens e céu. As sombras dos edifícios se somavam umas às outras, úmidas e frias. O reboco das paredes se confundia com as pintadas caóticas e em breve se acendiam as lâmpadas redondas que iluminavam os caminhos, e a luz amarela e doentia do alógeno incendiava o entorno, irreal e contemporânea ao mesmo tempo. Então, aos poucos, já nada se movia nos caminhos retos e grisalhos. As janelas dos blocos, se acendiam, retangulares, diminutas e exatas reproduções do bloco. Em cada uma, se representava um drama diferente, aqui uma comédia, ali uma tragédia, mais adiante uma farsa, mas não havia platéia e mais tarde, quando a cortina se fechava e cada pequeno palco se apagava, não se ouvia nenhuma palma, nenhuma crítica, nenhum “bravo”. Quiçá deviam então surgir os sonhos, mas estes, assustados com a severidade das linhas, com o irreal incêndio das lâmpadas elétricas, passavam rápidos demais, leves demais. Quando o sol nascia, a manhã já despertava cansada.

Encravado num espaço exíguo entre os blocos E, F, C e I, estava o que ao arquiteto lhe pareceu bem chamar “Área Infantil”. Tratava-se de um quadrado desnudo, atapedado de areia amarelada e áspera e guardado por dois bancos de ferro forjado que nada tinham que ver as linhas das demais construções, a não ser a severidade. A calçada tornava-se milagrosamente sinuosa, e atravessava a areia em curvas serpentinas, em diagonal. Ali, o dia durava um pouco mais, a tarde resistia um pouco mais às sombras dos crepúsculo e até era possível que os dois brinquedos instalados na parte mais ampla do quadrado parecessem um pouco simpáticos.

Tratava-se de um elefante azul e um cavalo vermelho. Pelo menos parecia um cavalo. Ambos eram tão feios e deformes, que um observador se veria em dúvida. O elefante era fácil: tinha tromba. Mas o outro, não. Era um híbrido, uma forma anormal, cuja única esperança de despertar simpatia morava em seus olhos, ternos e profundos. Ambos brinquedos estavam confeccionados de madeira, uma tábua achatada, recortada e pintada, e sobre cada um havia sido colada uma sela desconfortável. Ambos estavam imobilizados sobre uma mola de caminhão, e quando uma criança se atrevia a subir em algum deles, se agitavam para diante e para trás. Se então o pequenino fechasse os olhos, se esfumaria o condomínio de linhas retas e pintadas agressivas; poderia sentir o sol dourando a pele, o vento batendo no rosto e empurrando para longe os cabelos e as manhãs cansadas. Mas os meninos que neles subiam, nunca fechavam os olhos, nunca. Os dois bichos cavalgavam sobre as molas sem ir à lugar nenhum, as cabeças voltadas para as montanhas inalcançáveis, mas não pela distância. Nunca pela distância! Essa palavra não tinha o menor sentido para eles. Como haveria de ter, se, pregados, pintados e enraizados, não podiam fazer mais do que agitar-se para diante e para trás? Se não podiam fazer mais do que sussurrar ao ouvido dos pequenos “feche os olhos e venha comigo”?

Quantas vezes os mais pequenos ouviram aquelas palavras, e quantas vezes despertaram aos gritos entre pesadelos que terminavam com aquelas vozes misteriosas que ninguém mais parecia ouvir? “Feche os olhos”, pedia o elefante azul com voz de cítara e vento... e o pequeno os abria como pratos. “Feche os olhos”, implorava o bicho deforme com voz de orvalho e corneta... e o pequeno gritava à plenos pulmões, desejando mais o olhar atontado da mãe que levanta no meio da noite, o resmungo mau-humorado do pai e o lamento dos irmãos com quem compartilhava o quarto, do que render-se aquele apelo suave e doce, aquela mirada segura e cálida, aquela promessa desconhecida. Os sonhos escapavam mais assustados do que de costume e a manhã nascia mais velha que em outros dias.

Assim, muito tempo passou. Vieram outonos e primaveras, e houve um inverno em que nevou e o pátio se encheu de rastros, e o azul e o vermelho dos dois brinquedos apareceu envolto de uma fina camada de gelo. Também houve tempestades de verão e se o elefante não fosse de madeira, certamente teria fugido de medo dos trovões, mas o bicho deforme ria e cantava baixinho, e dizia que não se tinha de ter medo das tempestades, que elas são o gozo das nuvens. Ninguém o ouviu, certamente, mas isso não significa que não o tivesse dito.

Depois daquela chuvarada, ocorreu uma coisa muito estranha, uma coisa que se sabe porque se viu as pegadas de dois meninos na areia molhada, e porque em duas casas faltavam seus respectivos rebentos. Numa, a realidade era tão contemporânea, que parecia irreal. A vida era dura, um dia faltava comida, no outro havia bebedeira, de ambos lados choviam petelecos aos mais pequenos. Na outra, a realidade era caótica, com pais breves saindo muito cedo e chegando muito tarde. Ali a vida era uma babá que tomava conta de um menino, e uns pais muito ocupados, que não podiam, e às vezes não queriam, espremer uma gota de seu tempo para estar com ele.

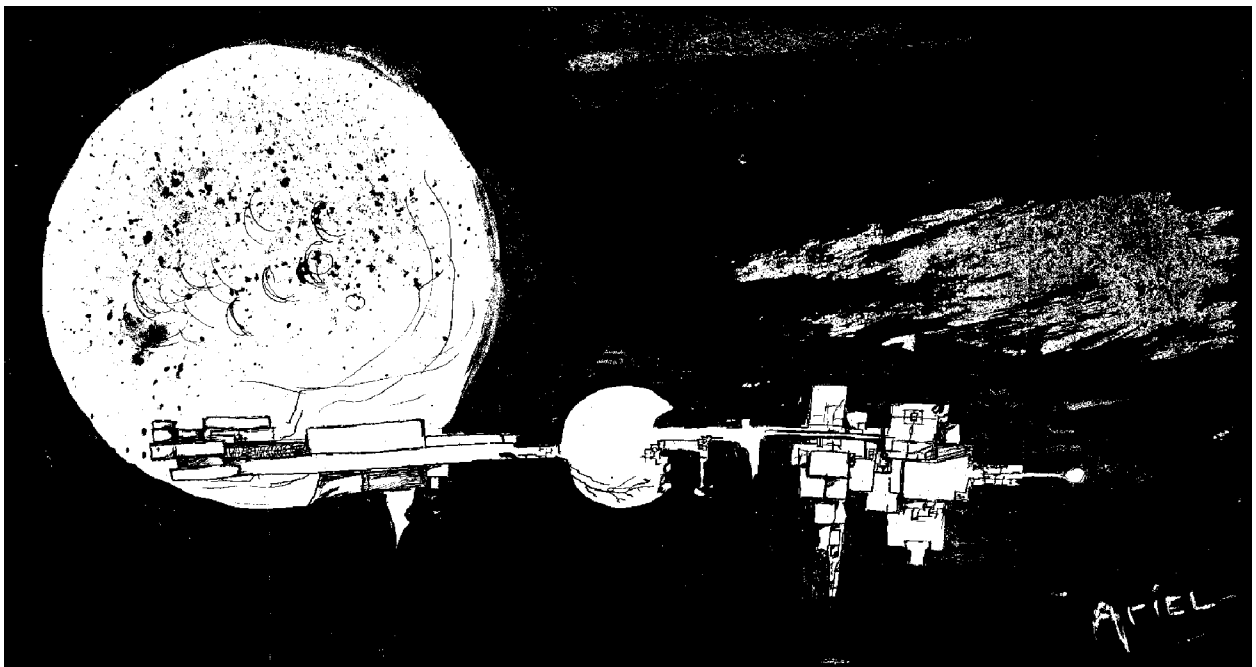
Anoitecia quando os dois se encontraram no portal do bloco D, um fugido de uma surra, o outro escapulado de uma distração. Sorriram, quando se encontraram, e juntos, de mãos dadas, chafurdaram nas poucas poças que a chuva deixara, molharam os sapatos e sujaram as meias. Depois deram a volta no bloco e, como quem não quer nada, andaram, sempre juntos, até os dois brinquedos da Área Infantil e montaram em suas garupas e desde então, nunca mais se ouviu falar deles, a não ser no jornal, e nos noticiários da televisão. Os dias passaram, colaram-se pequenos cartazes com suas fotos nas paredes dos bares e na estação de trem, pedindo notícias. A polícia falou de depravados, e alguns contaram histórias sobre o trabalho escravo.

Mas ninguém comentou que depois daquela chuvarada, as nuvens se abriram como se fosse mágica e o crepúsculo caiu, manso e lilás sobre o condomínio. Nem que uma brisa estranha e cheia de palavras esquecidas, perversas e maravilhosas, soprou pelas janelas, varreu o solo ensopado e subiu ao céu onde se estendia a noite. Tampouco se deram conta de que as lâmpadas amareladas demoraram mais do que o habitual para acender-se e que mesmo depois de acesas, parecia que não podiam iluminar muito além do espaço mais próximo à elas porque a escuridão parecia devorá-las, uma barreira imensa de sombras espessas, que nem por isso ocultaram a Lua, quando nasceu, minguante e prateada sobre a cidade.

Ninguém ouviu a risada dos dois meninos ecoando cristalina debaixo de estrelas que brilhavam como diamantes sobre as serras nevadas e retorcidas por sombras que só andavam sobre a Terra em noites assim, frias e jovens, jovens e velhas como o andar do Tempo. As nuvens da tempestade que se afastavam céleres, desenharam carinhas redonduchas e monstros deformes, debaixo do tênue, quase diáfano, quarto minguante, e depois se mesclaram num impressionante elefante que levava, orgulhoso, um príncipe, e o mais magnífico corcel que já se viu, montado por um valente guerreiro. Depois sumiram, céleres, rumo ao norte.

Mas, mais importante de tudo, ninguém se deu conta, na manhã seguinte, quando as mães insones choravam os dias que não seriam os mesmos e os pais amargavam a ausência que doeria sempre de maneira igual, que os dois brinquedos de madeira se agitavam levemente.

Nem que estavam de costas para as montanhas distantes, molhados de um suor que foi tomado por orvalho, como quem volta sozinho de uma larga e estranha viagem.



*O Listserver do CLFC é um fórum aberto de debates sobre FC, fantasia e horror, em português, via e-mail, na Internet. Um serviço gratuito, financiado pelo CLFC, disponível para todos os sócios e não-sócios do Clube. Para esta edição do **Somnium**, selecionamos mensagens postadas no Listserver do CLFC durante os meses de março, abril e maio. A lista <ficcao@dks.com.br> foi desativada, e uma nova lista de discussões, coordenada por Gerson Lodi-Ribeiro, já se encontra funcionando no endereço <lista-do-clfc@makelist.com>. Os interessados em ingressar nessa nova lista devem mandar uma mensagem vazia para: <lista-do-clfc-subscribe@makelist.com>.*

Notas de auxílio à leitura:

Por uma questão de incompatibilidade entre computadores dos usuários, recomenda-se aos participantes dos listservers em geral que não utilizem acentuações, intraduzíveis por alguns sistemas operacionais. As mensagens estão mantidas conforme foram remetidas (alguns missivistas não observaram a norma).

As mensagens foram reduzidas, por motivo de espaço, sem alterar o seu conteúdo. Na medida do possível os autores das mensagens estão identificados.

Subject: Re: Aliens 4

Original Written by: INT: jmbarreiros@mail.telepac.pt.
 (...) O meu fascínio pela série Aliens não deixa de crescer
 (...) Quatro filmes diferentes. Visualmente antagônicos.
 Quatro realizadores ideossincráticos. Um futuro retro.
 Tecnologia desgastada. E mundos onde o sol nunca brilha
 como nas cavernas do Kublai Kahn. Até o nascer do Sol
 sobre a Terra, no final do filme, tem tons de sangue (...). Já
 não está a destruir o que é diferente. Está a destruir-se a
 ela própria. É ela o número oito. O oitavo passageiro. O
 círculo não tem fim. Ok, Ok, o alien humanizado não é tão
 perfeito como o outros...concedo. Mas o Giger abandonou
 a produção e proibiu que se fizessem aliens
 semelhantes...Mas é um futuro minimamente coerente.(...)
 jmbarreiros@mail.telepac.pt

Original Written by: INT: Simone <jcastro@colon.net>.
 (...)A única coisa que me parece interessante na série dos
 Aliens, de verdade é o estudo sobre a decadência que se
 pode fazer: uma história que inicia com o encontro e
 reconhecimento (deste reconhecimento é que vem todo o
 pavor que pode gerar a história) de um predador que pode
 fazer frente ao ser humano, degenera ao puro cômico(...)
 Quando falo na degeneração da história (quatro vezes
 contada por quatro homens diferentes e de quatro maneiras
 diferentes) me refiro à falta de manutenção de alguns pontos
 que aparecem no primeiro filme e vão se diluindo ao largo
 dos demais. O primeiro é o medo: em "O Oitavo
 Passageiro" todos têm medo, um medo bastante
 convincente. Ninguém faz coisas mais estúpidas do que
 faria qualquer ser humano nas condições apresentadas. (...)
 Se o medo em relação ao predador vinha sendo diluído ao

longo de filmes que estavam mais interessados no visual
 do que em manter o espírito original da coisa (...), no quarto
 esse sentimento de medo desaparece. Ninguém tem medo,
 medo de verdade, do bicho. Aliás, os personagens não são
 de verdade. São falsos, como todos os personagens de
 filmes violentos vindos dos EUA(...)

Subject: Re: E.T. é maravilhoso?

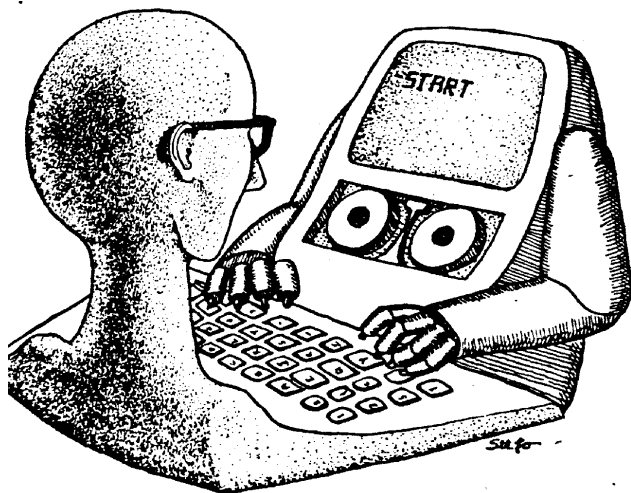
Original Written by: INT: msbranco@uol.com.br.
 O filme ET, O Extraterrestre é maravilhoso como filme
 infantil e como drama. Como ficção científica *strictu sensu*
 não acrescenta nada ao gênero.
 ET mexe mais com os sentimentos do que com a razão.
 Tem uma linda trilha sonora, os personagens mirins são
 ótimos, e o ET em si é impagável. (...)

Original Written by: INT: luciojpm@nethall.com.br
 Marcello, eu concordo com você em termos. Só não
 concordo quando você diz que, como ficção científica, não
 acrescenta nada ao gênero. Com esse filme, mais o
 Contatos Imediatos do Terceiro Grau, o Spielberg mudou
 o imaginário das pessoas com relação aos extraterrestres.
 Saem os monstros de olhos esbugalhados, entram criaturas
 com as quais, apesar das enormes diferenças, podemos
 estabelecer contato, comunicação. Isso já tinha na
 literatura? Claro que sim, mas a gente tá falando de cinema
 e, no cinema, a atitude que predominava era esmaguem-
 esses-malditos-aliens(...).

Subject: Re: Duna

Original Written by: INT: deepblue97a@hotmail.com.
 Tenho de concordar com a afirmação da Adriana (...), eu
 tb acho que "Duna", mais o primeiro livro que o restante,
 é o melhor que já lí de ficção científica. Que me desculpem
 Asimov, Clark, Heinlein e os outros monstros sagrados da
 FC, mas eu amo de paixão "Duna".

Original Written by: INT: luciojpm@nethall.com.br
 Eu também acho *Duna*, o primeiro, uma obra-prima,
 simplesmente perfeito! E acho que a série vai bem até,
 digamos, o quarto. Afinal, na prática, *O Messias de Duna*
 é uma parte do primeiro volume que foi publicada em



separado por questões editoriais, eles foram escritos ao mesmo tempo, e o terceiro, a história dos filhos do Paul Muad'Dib também é bastante interessante. O quarto, apesar do Leto repetir um pouco os conflitos do Paul, ainda levanta umas questões dignas de nota. Mas daí pra frente começou a ficar cansativo (...)

Subject: Re: Filmes/Livros

Original Written by: INT: luciojpm@nethall.com.br
Tarkovsky, aliás, dirigiu não um, mas DOIS clássicos da ficção científica. O outro é *Stalker*, IMHO ainda melhor que *Solaris* (...).é sobre uma zona da Terra onde teria caído um meteoro ou artefato extraterrestre (as informações sobre isso são ambíguas) e que desde então adquiriu a estranha característica de refletir o estado mental das pessoas, realizar seus desejos (...). Guiado por batedores que se especializaram em abrir caminho por entre os labirintos da Zona (os *stalkers* do título), um grupo de pessoas mergulha na região em busca da realização fácil de seus sonhos, mas acabam todos confrontados com o seu ser mais profundo, o verdadeiro caráter de cada um deles - e descobrem que o autoconhecimento raramente é uma coisa agradável (...)

Subject: Re: Deve a ARTE Ser Amadora?

Original Written by: INT: cerito@sti.com.br
Mais do que qualquer outro autor da FCB, voce mesmo, Tartari, tem um importante depoimento a fazer com relação ao assunto, uma vez que eh o unico entre nos que estah preparando um livro, sob contrato, para os EUA, um mercado extremamente profissional. (...)

Original Written by: INT: atartari@uol.com.br.

É verdade, César. Nenhum autor é obrigado a aceitar a opinião do editor. No meu caso, eles me forcaram a aceitar o trabalho de edição; esta era a condição para a assinatura do contrato.(...) agora que o trabalho de edição (...) está terminado, eu vejo que meu romance não ficou apenas mais comercial; ele ficou melhor. O autor deve sempre ficar contente ao ouvir uma opinião, uma crítica. (...) O ideal, para o autor, seria contar com um editor com mais

conhecimento e experiência que ele e criar algo próximo de uma relação mestre-discípulo.(...)

Subject: RE: IMPACTO PROFUNDO

Original Written by: INT: Almir

Fui ver Impacto Profundo (Deep Impact) neste último sábado e, esperava mais deste filme. As cenas com efeitos especiais estavam perfeitas, muito realistas e prendem bastante a nossa atenção, mas isto é o mínimo que se espera de um filme produzido por Spielberg. (...) Doi ver as respostas "policamente correctas" dos refugiados perante a atitude totalitária do governo. — então as pilhagens, os saques, os massacres, as crises religiosas? As neuroses do apocalipse? Onde ficaram? (...) E lá estava eu, sentado na minha cadeirinha de cinema, com um sorriso escarninho ao canto dos lábios, enquanto a espectadora do meu lado direito chorava baba e ranho com tanta tragédia e violino.(...)

Original Written by: INT: Simone <jcastro@colon.net>.

(...) fui ver o tal do filme também no último sábado e confesso que fui vê-lo somente por um efeito especial (...). Fui ver aquela onda imensa, linda, maravilhosa, a maior e mais impressionante onda de surf que já surgiu (...) tive de agüentar tudo o que vinha antes, a saber, toneladas de clichês.(...) De modos que (...) o que mais me irritou do filme (...) foi a falta de idéias, o desperdício de outra boa oportunidade para contar histórias interessantes e questionar e criticar o mundo em que vivemos.

Subject: Re: Stephen King

Original Written by: INT: ramon@clubenet.com.br.

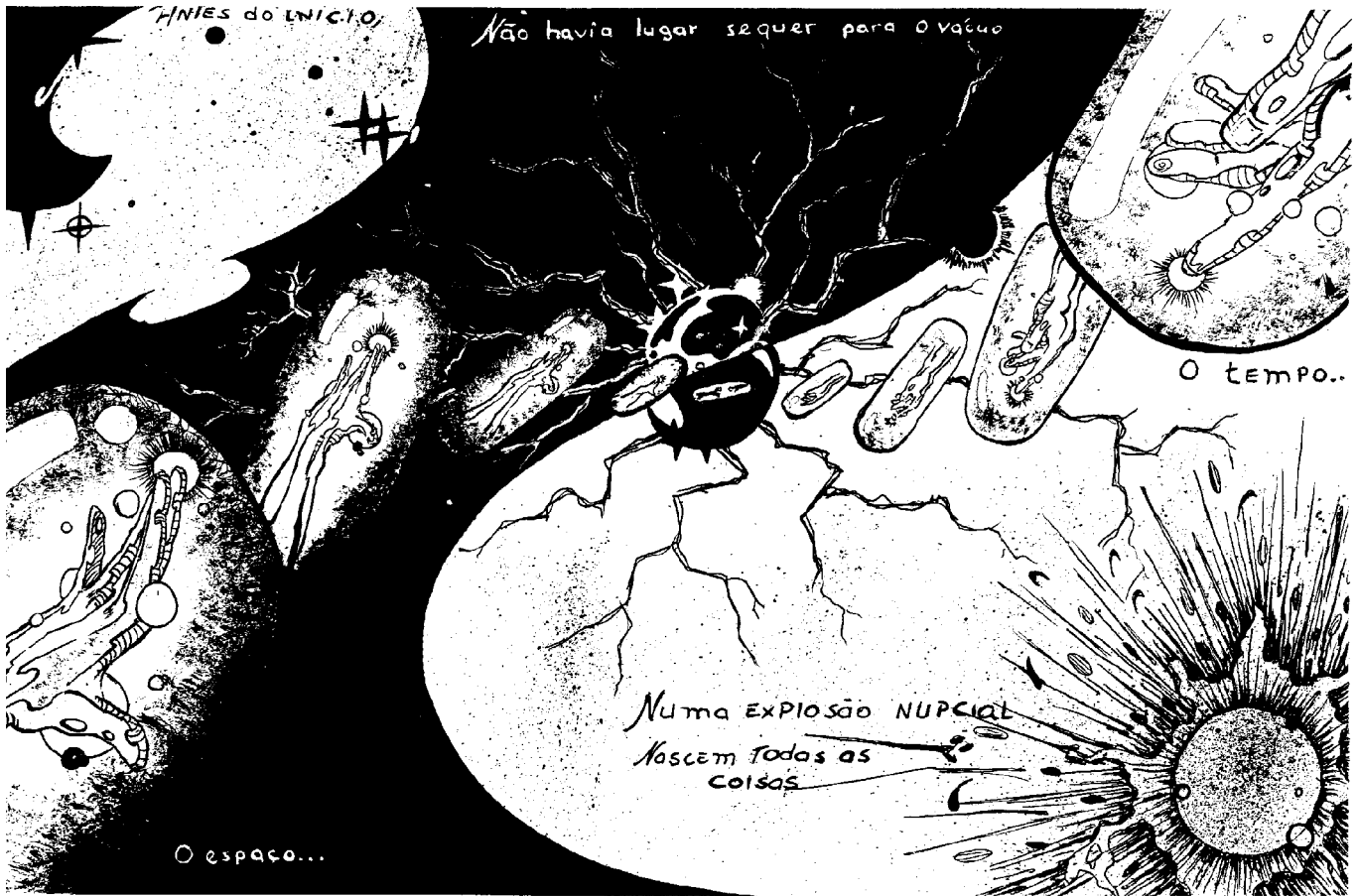
Sou um grande fã de Stephen King e conheço todos os seus trabalhos até 1987, de uns tempos para cá perdi um interesse pela obra de King graças aos abusivos preços cobrados pelos seus livros (...) os comentários de suas obras mais recentes não tem sido muito animadores pelo menos por parte de antigos fãs e a principal crítica e que ele está muito literário e se esqueceu um pouco do terror até pelos filmes mais recentes que tenho visto como eclipse total .

Original Written by: INT: luciojpm@nethall.com.br

Caro Ramon, li *Insônia* (...) e a impressão que eu tive era que é uma espécie de obra de transição entre os trabalhos mais antigos do King, voltados pro sobrenatural, e os mais recentes, em que ele explora mais o terror psicológico. (...) *Insônia* ainda tem um pé na fase anterior, o elemento sobrenatural é bem forte, com entidades não-humanas tanto benignas quanto malignas e uma visão do Mal absoluto que é quase lovecraftiana (...).

Original Written by: INT: msbranco@uol.com.br.

(...) compartilho da opinião de que Stephen King deixou de lado um pouco o horror mais tradicional para se aventurar pelo suspense. Mas sua prosa melhorou sensivelmente. É um escritor mais maduro e com personagens mais bem caracterizados.



ANIES DO INICIO

Não havia lugar sequer para o vácuo

O tempo..

Numa explosão nupcial
Nasce todas as
coisas

O espaço...



Agora o tempo caminha...

O espaço se
desorganiza

De forma que
nem um
Deus
pode controlá-lo

— INÍCIO —

SOMNIUM



C.L.F.C.

CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais, todos os últimos sábados de cada mês,
das 15 as 18 horas, na Rua José Paulino nº 7, São Paulo/SP
(próximo à estação Luz do Metrô).

Toda a correspondência deve ser encaminhada para
Cx. Postal 2105, S. Paulo/SP - 01060-970 - Brasil